



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL**  
**MESTRADO**

***SLUT SHAMING E PORN REVENGE: VIVÊNCIAS DE MULHERES JOVENS E AS  
REPERCUSSÕES PARA A SAÚDE MENTAL***

**LETÍCIA DE MÉLO SOUSA**

**João Pessoa - PB**

**Março / 2017**

***SLUT SHAMING E PORN REVENGE: VIVÊNCIAS DE MULHERES JOVENS E AS  
REPERCUSSÕES PARA A SAÚDE MENTAL***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Psicologia Social do Centro de Ciência Humanas e Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestra em Psicologia Social, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli.

Orientanda: Letícia de Mélo Sousa

**João Pessoa - PB**

**Março / 2017**

S725s Sousa, Leticia de Mélo.  
Slut shaming e porn revenge: vivências de mulheres  
jovens e as repercussões para a saúde mental / Leticia de  
Mélo Sousa - João Pessoa, 2017.  
73 f. : il. -

Orientadora: Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL

1. Psicologia social. 2. *Slut shaming*. 3. *Porn revenge*.  
4. Gênero. 5. Saúde mental. 6. Violência. I. Título.

UFPB/BC

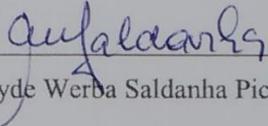
CDU: 316.6(043)

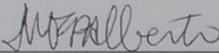
LETÍCIA DE MÉLO SOUSA

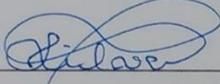
**SLUT SHAMING E PORN REVENGE: VIVÊNCIAS DE MULHERES JOVENS E AS  
REPERCUSSÕES PARA A SAÚDE MENTAL**

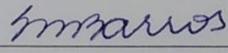
Dissertação de Mestrado avaliada em 28/03/2017 com conceito Aprovada com  
Distinção

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli (UFPB, Orientadora)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria de Fátima Pereira Alberto (UFPB, Membro Interno)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Josevânia Silva (UEPB, Membro Externo)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Sibelle Maria Martins de Barros (UEPB, Membro Externo)

João Pessoa - PB

Março / 2017

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, às bravas mulheres que aceitaram participar desta pesquisa, e dividiram comigo suas histórias e seus sentimentos, na esperança de ajudar outras iguais a elas. Espero poder atender a suas expectativas, e agradeço imensamente pela confiança.

Aos meus pais, por tudo que investiram na educação das filhas, todo o amor e pelo apoio que me concederam durante a realização deste mestrado.

Às minhas orientadoras, Ana Alayde e Josevânia Silva, por me guiarem na construção desta dissertação e pelo interesse e cuidado que dedicaram a ela durante este processo.

Aos meus amigos, por todo o apoio que me deram durante este período complicado da minha vida.

A todo o Núcleo de Pesquisa em Vulnerabilidade e Promoção da Saúde, por todas as contribuições maravilhosas que fizeram durante a concepção desta dissertação e por todo o apoio emocional.

À CAPES, pelo financiamento.

Ao Projeto Think Olga e Coletivos Bruta Flor, Cunha e Aurora Furtado pelo apoio e divulgação da pesquisa, como também a todos que se comprometeram em divulgá-la.

E, principalmente, a Diogo Rocha, por ter estado ao meu lado durante o período mais difícil da minha vida, ter enfrentado comigo o sofrimento psíquico que ele me trouxe e por, nos momentos em que eu esqueci, ter me lembrando dos meus ideais e do meu potencial. Eu não teria conseguido sem você.

*“Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas...”*

*Audre Lorde*

## RESUMO

Considerando que a prática do pornografia de vingança é perpassada pelas relações de gênero, este estudo tem como referencial teórico a perspectiva de gênero, conforme propõe Scott (1995), objetivando analisar as vivências de mulheres jovens que sofreram exposição e humilhação na internet por suas práticas sexuais e as repercussões dessa vivência para a saúde mental. A exposição e humilhação de mulheres pelas suas práticas sexuais é conhecida pela expressão inglesa *slut shaming* (sem tradução para o português), destacando-se dentre suas práticas o *porn revenge*, conhecido no Brasil pelo termo “pornografia de vingança”. A pornografia de vingança consiste na publicação e compartilhamento, sem o consentimento da vítima, de vídeos ou fotos que contenham nudez ou atos sexuais. Tal fenômeno configura-se como violência psicológica contra a mulher, causando sérios danos à sua saúde mental e convivência social. Participaram mulheres jovens, maiores de 18 anos, e que tivessem experienciado alguma forma de exposição e humilhação na internet por suas práticas sexuais. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados um questionário online e uma entrevista. O questionário online foi respondido por nove mulheres, e nele verificou-se que o agressor foi, em maioria, um parceiro ou ex-parceiro. Entre aquelas que tiveram material íntimo exposto na internet, a maioria declarou ter consentido a produção do material, mas não a divulgação pelo receptor/parceiro ou por terceiros. Já aquelas que não tiveram material íntimo seu exposto na internet mas sofreram algum tipo de exposição online declararam que sofreram com a exposição de relatos (verídicos ou não) acerca da sua vida sexual, que tiveram material íntimo que não era seu atribuído a si, ou que foi criado um perfil falso em sites/redes sociais pornográficos com fotos e informações pessoais suas. Algumas participantes também sofreram com ameaças de exposição online, de forma a coagi-las a não denunciar um crime (Ex.: estupro) ou para coagi-las a realizar ato libidinoso / manter uma relação afetiva. O material coletado com as entrevistas foi analisado através do método da análise de conteúdo temático-categorial. Foram realizadas quatro entrevistas, das quais emergiram cinco categorias temáticas: Caracterização da Experiência; Consequências; Saúde Mental; Apoio Profissional, e; Representações do *Slut Shaming*. Os resultados observados confirmam que a experiência de violência online causa danos para a vítima nos âmbitos social, familiar, escolar e na sua saúde mental. Ressalta-se nos conteúdos das entrevistas o despreparo dos profissionais responsáveis por acolher e cuidar de tais mulheres, como polícia e advogados, mas especialmente psicólogos e psiquiatras, trazendo um questionamento sobre se os psicólogos estão de fato preparados para acolher mulheres vítimas de uma violência psicológica tão impactante nas suas vidas, mas ao mesmo tempo dotada de invisibilidade.

**Palavras-Chave:** *Slut shaming*; *Porn revenge*; Gênero; Saúde mental; Violência.

## ABSTRACT

Considering that the practice of revenge pornography is pervaded by gender relations, this study has as a theoretical reference the gender perspective, as proposed by Scott (1995), aiming to analyze the experiences of young women who have suffered exposure and humiliation via the internet for their sexual practices and how this experience repercussions for their mental health. The exhibition and humiliation of women for their sexual practices is known by the english expression *slut shaming* (without translation to portuguese), highlighting among its practices the *porn revenge*, known in Brazil by the term "pornografia de vingança". The porn revenge consists in the publication and sharing, without the consent of the victim, of videos or photos containing nudity or sexual acts. This phenomenon appears as psychological violence against a woman, causing serious damage to their mental health and social life. Participated young women, over 18, who had experienced some form of exposure and humiliation on the internet for their sexual practices. As research instruments were used an online questionnaire and an interview. The online questionnaire was answered by nine women, and it was found that the offender was, mostly, a partner or former partner. Among those who had intimate material exposed on the internet, the majority stated that they had consented to the production of the material, but not the disclosure by the recipient / partner or by third parties. Those who did not have intimate material exposed on the internet but suffered some kind of online exposure stated that they suffered from exposing reports (true or otherwise) about their sex life had intimate material that was not their attributed to them, or a false profile was created on pornographic social sites / social networks with their personal photos and information. Some participants also suffered from online exposure threats, in order to coerce them to don't report a crime (rape, for example) or to coerce them into performing libidinal acts / maintaining an affective relationship. The material collected with the interviews was analyzed through the thematic-categorial content analysis method. Four interviews were carried out, from which five thematic categories emerged: *Characterization of the Experience; Consequences; Mental health; Professional Support*, and; *Representations of Slut Shaming*. The observed results confirm that the experience of online violence causes damages to the victim in their social, Family and school life and in their mental health. Is highlighted in the contents of the interviews the lack of preparation of the professionals responsible for receiving and caring for such women, as police and lawyers, but especially psychologists and psychiatrists, bringing a question as to whether psychologists are in fact prepared to welcome women victims of a psychological violence so impactful in their lives, but at the same time endowed with invisibility.

**Key-words:** Slut shaming; Porn revenge; Gender; Mental Health; Violence.

## RESÚMEN

Mientras que la práctica de *porn revenge* está permeado por las relaciones de género, este estudio tiene la perspectiva teórica de género, según lo propuesto por Scott (1995), con el objetivo de analizar las experiencias de las mujeres jóvenes que han sufrido la exposición y humillación en el internet para sus prácticas sexuales y las repercusiones de esta experiencia para la salud mental. La exposición y la humillación de mujeres por sus prácticas sexuales es conocida por la expresión inglesa *slut shaming* (sin traducción al portugués), destacándose entre sus prácticas el *porn revenge*, conocido en Brasil por la expresión "*pornografia de vingança*". El *porn revenge* es la publicación y el intercambio, sin el consentimiento de la víctima, de vídeos o fotos que contengan desnudos o actos sexuales. Este fenómeno se configura como violencia psicológica contra las mujeres, causando graves daños a su salud mental y la vida social. Participaron mujeres jóvenes, mayores de 18 años, y que habían experimentado alguna forma de exposición y humillación en el internet para sus prácticas sexuales. Como instrumentos de investigación se utilizaron un cuestionario online y una entrevista. El cuestionario online fue respondida por nueve mujeres, y se encontró que el agresor era, sobre todo, una pareja o ex pareja. Entre aquellas que fueron expuestos sus materiales íntimos en el internet, la mayoría afirmó haber dado su consentimiento para la producción del material, pero no para la divulgación por parte del beneficiario / pareja o de terceros. Ya las que no fueron expuestos material íntimo en Internet, pero han sufrido algún tipo de exposición online dijeron que sufrían de informes de exposición (veraz o no) sobre su vida sexual, que tenía el material íntimo que no era suyo asignado a si, o fue creado un perfil falso en sitios / redes sociales pornográficos con sus fotos e información personal. Algunas participantes también sufrieron amenazas de exposición online, con el fin de obligarlas a no reportar un crimen (Ej.: Violación) o para obligarlas a realizar actos lascivos / mantener una relación afectiva. El material recogido a través de entrevistas se analizó mediante el método de análisis de contenido temático-categoría. Se llevaron a cabo cuatro entrevistas, de las cuales surgieron cinco categorías temáticas: *Caracterización de la experiencia*; *Consecuencias*; *Salud mental*; *Apoyo profesional*, y; *Las representaciones de Slut Shaming*. Nuestros resultados confirman que la experiencia de la violencia online causa daño a la víctima en la vida social, familiar, escolar y en su salud mental. Se hace hincapié en el contenido de las entrevistas la falta de preparación de los profesionales responsables de recibir y atender a estas mujeres, tales como la policía y los abogados, pero especialmente los psicólogos y psiquiatras, con lo que nos cuestionamos si los psicólogos están en realidad preparados para recibir las mujeres víctimas de una violencia psicológica tan impresionantes en su vida, pero al mismo tiempo dotada de invisibilidad.

**Palabras clave:** *Slut shaming*; *Porn revenge*; Género; Salud Mental; Violencia.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
<i>Slut shaming</i> – sexualidade feminina, humilhação e violência.....	10
A perspectiva de Gênero.....	17
2. MÉTODO.....	21
Tipo de pesquisa.....	21
Participantes.....	21
Instrumentos de pesquisa utilizados.....	21
Procedimentos.....	22
Procedimento de análise.....	23
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
Dados sociodemográficos e caracterização do <i>Slut Shaming</i> .....	25
Categorias temáticas.....	29
Caracterização da Experiência.....	30
Consequências.....	37
Saúde Mental.....	42
Apoio profissional.....	45
Rede de apoio.....	48
Representação do <i>Slut Shaming</i> .....	49
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICES.....	64
ANEXOS.....	71

## 1. INTRODUÇÃO

### ***Slut shaming* – sexualidade feminina, humilhação e violência**

Com o advento das mídias sociais, tem se tornado cada vez mais comum a exposição na internet de informações íntimas - de itinerário e refeições à vídeos de sexo gravados e publicados pelos seus autores, tudo aquilo que acredita-se fazer parte do campo do privado encontra-se exposto aos olhos de quem tiver acesso à internet. Nesta onda de exposição do privado, um fenômeno particularmente danoso tem encontrado campo para desenvolver-se: a exposição e humilhação de mulheres pelas suas práticas sexuais, conhecido pela expressão inglesa *slut shaming* (sem tradução para o português) (Armstrong, Hamilton, Armstrong & Seeley, 2014).

Atualmente tem sido recorrente na mídia a exposição de casos de mulheres que tiveram seus vídeos ou fotos íntimos, com conteúdo sexual, expostos na internet (G1 RO, 2015; G1 AM, 2014; G1 RN, 2014; Rohr, 2014), como também de mulheres que foram expostas nas mídias sociais e humilhadas por suas práticas sexuais (Albuquerque, 2015). As discussões acerca das disposições legais para punição destes casos têm recebido maior atenção midiática, promovendo, inclusive, um Projeto de Lei que hoje tramita no Senado, objetivando criminalizar a divulgação indevida de material íntimo (PL 6630/2013). No entanto, pouco se discute acerca das consequências deste fenômeno para as mulheres vitimadas.

A exposição e humilhação de mulheres na internet por suas práticas sexuais têm danos severos para o seu convívio social, sua vida profissional/escolar, familiar, e principalmente para a sua saúde e identidade. Tal fenômeno consiste em violência psicológica contra a mulher, o que entra no rol das violências de gênero (Rocco & Dresch, 2014). No entanto, não apenas é dada menor atenção à violência psicológica, considerando-a não tão danosa quanto a violência física (Marinheiro, Vieira & Souza, 2006), como também a mídia assume uma postura de culpabilização da vítima, agravando ainda mais o estado de vulnerabilidade e violência no qual esta se encontra. As vítimas da violência psicológica, aqui incluindo as mulheres que sofreram o *slut shaming*, acabam não sendo consideradas como necessitadas de um cuidado especializado, e acabam sendo culpabilizadas pelo fato, o que, geralmente, as leva a um processo de adoecimento grave. No caso das mulheres que sofreram humilhações pela internet é grande o número de

suicídios, e quem tem oferecido cuidado às vítimas são entidades do Terceiro Setor ligadas ao Movimento Feminista (Albuquerque, 2015).

Dentre as práticas de exposição e humilhação de mulheres através da internet, uma em particular tem estado bastante presente na mídia, o *porn revenge*, sendo mais popularmente conhecido no Brasil pelo termo “pornografia de vingança”. A pornografia de vingança consiste na publicação e compartilhamento, sem o consentimento da vítima, de vídeos ou fotos seus que contenham nudez ou atos sexuais (Nabil, 2012). De acordo com Nabil (2012), a divulgação de tais fotos ou vídeos acaba sendo majoritariamente praticada por ex-parceiros da vítima, que em vingança pelo término do relacionamento expõem o material filmado ou fotografado por ambos nas redes sociais, a fim de humilhar publicamente a ex-parceira. Em alguns casos, as fotos ou vídeos foram feitos sem o consentimento da vítima, tanto em relações sexuais consentidas quanto em situações de estupro. Nesse caso, tem se tornado prática dos agressores sexuais filmar e fotografar o ato do estupro para que, posteriormente, chantageiem suas vítimas ameaçando a liberação do material na internet caso ela denuncie a violência.

Este estudo pretende investigar os desdobramento da violência de gênero que transformam jovens mulheres nas vítimas majoritárias destes atos de humilhação pela internet, através da exposição de fotos e vídeos ou pela divulgação de rumores e histórias sobre sua vida sexual? Apesar de homens estarem presentes nestas fotos, vídeos ou rumores, eles aparentemente não são afetados por esta exposição – o que não significa dizer que não possam ser afetados e sofrer consequências, todavia na maior parte dos casos isto não acontece. Já as mulheres que sofrem o *slut shaming* sofrem impactos na sua vida social, profissional, pessoal, sexual e familiar. Nabil (2012), analisando a produção midiática da pornografia de vingança, conclui que tal prática consiste em uma violência de gênero que objetiva expor e humilhar as mulheres que não correspondem ao ideal de sexualidade que espera-se de uma mulher. De acordo com Rocco e Dresch (2014, p.19), “há, pois, uma veia da violência de gênero, mormente quando o homem, considerando-se num nível superior à mulher, usa de sua (dela) sexualidade para vexá-la e humilhá-la”.

Tais afirmações podem ser confirmadas através da análise do dados referentes à incidência de assédio e agressão contra mulheres na internet. A organização WHOA (Working to

Halt Online Abuse), cuja missão consiste em promover um espaço educativo na Internet acerca do assédio e agressão online e empoderamento das vítimas, mantém um registro detalhado das denúncias de assédio e agressão online recebidas desde o ano 2000 para os Estados Unidos. Analisando os dados cumulativos do ano 2000 ao ano 2011, percebemos que, das denúncias de assédio online recebidas pela organização, 72,5% foram realizadas por mulheres. As vítimas indicam os agressores como sendo majoritariamente homens (47,5%), mulheres representando 30,25% do total, 1,25% como sendo agressores múltiplos/de ambos os gêneros e 21% tendo o gênero desconhecido. Pessoas jovens (entre 18 e 30 anos) representam a maior parcela das vítimas (39,75%), sendo em sua maioria pessoas solteiras (36%). São relevantes os fatos de que 49,25% das vítimas tinham algum tipo de relacionamento com seu agressor, e a maior parcela delas (39,5%) informou que o agressor era um ex-parceiro seu (WHOA, 2016).

Ainda sobre a temática da agressão a mulheres na internet, uma pesquisa realizada utilizando chats de mensagens instantâneas revela que usuários com nomes femininos recebiam, em média, 100 mensagens privadas “maliciosas” (sexualmente explícitas ou contendo mensagens ameaçadoras, de acordo com os pesquisadores), enquanto usuários com nomes masculinos recebiam em média apenas 3,7 mensagens com este tipo de conteúdo (Citron, 2009). Visto isto, Citron (2009) chama atenção para a maneira distinta como homens e mulheres são atingidos pelo abuso online, ressaltando que é necessário encarar a veia de gênero que perpassa este fenômeno específico para, assim, compreender as relações de poder que se estabelecem na internet através do discurso de abuso, ameaças e exposição de mulheres online.

A humilhação pública através da exposição da intimidade de uma mulher consiste em violação grave dos direitos humanos, especialmente dos direitos à dignidade sexual. Tal fenômeno configura-se, então, como violência psicológica contra a mulher, causando sérios danos à sua saúde e convivência social (Rocco & Dresch, 2014). Partindo deste ponto, torna-se importante refletir acerca das políticas públicas brasileiras que versam sobre a proteção e atendimento às mulheres vítimas de humilhação na internet por suas práticas sexuais.

Considerando que a exposição e humilhação de mulheres na internet por suas práticas sexuais configura violência psicológica contra a mulher, violência esta que faz parte de um sistema de opressão de gênero, podemos inicialmente discutir as legislações que podem vir a

amparar estas vítimas e, posteriormente, discutir de que maneira as Políticas Públicas podem melhor atender à estas mulheres, e o impacto desta pesquisa para esse atendimento.

No contexto brasileiro, a exposição de vídeos e fotos de conteúdo sexual na internet sem o consentimento das mulheres ali expostas ganhou a mídia através do caso da atriz Carolina Dieckmann, que teve fotos suas em situação íntima roubadas de seu computador e expostas na internet. A repercussão do caso foi tamanha que inspirou a Lei Nº 12.737, de 30 de novembro de 2012, mais conhecida como “Lei Carolina Dieckmann”, que “Dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos” (Lei Nº 12.737, 2012). O Art. 2º da Lei determina como crime

Invadir dispositivo informático alheio, conectado ou não à rede de computadores, mediante violação indevida de mecanismo de segurança e com o fim de obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo ou instalar vulnerabilidades para obter vantagem ilícita (Lei nº 12.737, 2012).

No entanto, o texto da Lei nº 12.737/2012 em nada se refere à punição para o uso de dados ou informações pessoais de outrem sem autorização deste ou instalar vulnerabilidades afim de obter vantagem ilícita quando estes dados ou informações pessoais não foram roubados. Sendo assim, quando o agressor foi autor das fotos e vídeos, a vítima não é acobertada por esta lei. Guimarães e Dresch (2014), por sua vez, encontram na Lei nº 11.340/2006, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, a cobertura para os casos em que o agressor seja o parceiro(a) ou ex-parceiro(a) da vítima.

A Lei Maria da Penha define como formas de violência contra a mulher, entre outras, a violência psicológica:

(...) entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do

direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (Lei nº 11.340, 2006).

Como também identifica a violência moral, “entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria” (Lei nº 11.340, 2006). Nestes termos, a mulher que tivera material íntimo seu divulgado na internet por ex-parceiro estaria coberta pela Lei e deveria ser encaminhada para medidas de cuidado e assistência nas Políticas Públicas. Não há, no entanto, legislação que criminalize a ação de expor e humilhar mulheres através da divulgação de relatos acerca de sua vida sexual na internet, ação esta tão danosa e com consequências tão severas quanto a de divulgar material íntimo das vítimas.

No entanto, sabemos que o senso comum hierarquiza as formas de violência, considerando a violência física como uma violação séria dos Direitos Humanos. As demais violências, como a violência psicológica, são consideradas pelo senso comum como males menores, apesar de prevalecer como a forma de violência mais praticada contra as mulheres (Marinheiro, Vieira & Souza, 2006). De acordo com Silva (2007), isto se dá pelo fato das formas sutis de violência psicológica estarem diluídas, afastadas do conceito de violência, por serem representadas como algo “comum”, “normal” ou “justo” no imaginário popular, mesmo gerando intenso sofrimento à vítima.

Esta hierarquização das violências, advinda muito provavelmente da dificuldade em observar de maneira concreta as consequências das violências não-físicas, acaba por se refletir nas decisões jurídicas, pela dificuldade em julgar apropriadamente os casos de violência psicológica, mesmo mediante os danos por ela causados à vítima, como também nas decisões institucionais nas Políticas Públicas ao lidar com os casos que lhes chegam (Marinheiro, Vieira & Souza, 2006). Tal comportamento entra em conflito com os tratados internacionais de defesa dos Direitos Humanos e direitos da mulher dos quais o Brasil é signatário, podendo aqui citar: A Declaração Universal dos Direitos Humanos, Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948 (Humanos, 2013); a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará, 1994) (Decreto nº 1.973, 1996); a Convenção sobre a Eliminação

de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW, 1979) (Decreto nº 4.377, 2002), e; a Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher (ONU, 1995).

A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher (Decreto nº 1.973, 1996) define que “entender-se-á por violência contra a mulher qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada”. Com base em tais tratados dos quais o Brasil é signatário (Humanos, 2013; Decreto nº 1.973, 1996; Decreto nº 4.377, 2002; ONU, 1995), aliados à legislações já existentes no país (Lei nº 11.340, 2006; Lei nº 12.737, 2012), mesmo que ainda não haja uma lei específica de combate e punição para o *slut shaming*, as vítimas desta violências estão virtualmente protegidas pelas justiça e, por isso, podem receber assistência e cuidados em saúde pelas políticas públicas. Contudo, a ausência de uma lei específica deixa vagos os caminhos cujos agentes da lei devem seguir mediante a denúncia desta violência, podendo estes, movidos pelos seus próprios conceitos acerca do que seja ou não violência ou pelos conceitos neles imbuídos pela mídia, desconsiderar a denúncia desta mulher, revitimizando-a e culpabilizando-a pela violência que sofreu.

O Código de Ética Profissional do(a) Psicólogo(a) diz, em seus Princípios Fundamentais,

I. O psicólogo baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos. II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural. (CRP, 2014).

Todavia, o desconhecimento ou descaso pelos Direitos Humanos, mesmo que estes sejam a base primária da profissão do psicólogo e demais profissões relacionadas ao cuidado em saúde,

pode inculcar no profissional designado para atender a mulher vítima de violência o mesmo problema que aflige os agentes da lei - não ser capaz de reconhecer a violência e todas as consequências que ela traz para a vida das vítimas. Isto se dá principalmente quando tal violência foi naturalizada, não sendo reconhecida como uma forma de violência de fato, e todo o sofrimento que ela causa foi deslocado, tratado como se nenhuma relação tivesse com a experiência da violência, e tal sofrimento assume um caráter único quando advém de uma violência que atinge a autopercepção e identidade social do sujeito, como é o caso da violência de gênero (Barbosa, Dimenstein & Leite, 2014).

Desta maneira, reconhecendo que a humilhação de mulheres na internet por suas práticas sexuais é uma violação dos direitos humanos da mulher, que causa danos à saúde mental e vida social da mesma, o acompanhamento especializado dos casos deveria ser realizado através das Políticas Públicas de Assistência Social e Saúde, oferecendo cuidados à saúde e meios de acesso às políticas de enfrentamento à violência. Os serviços chave para este cuidado poderiam ser os Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) e os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), no cuidado à saúde mental das vítimas, e os Centros de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), na assistência mediante a violação de direitos.

Assim, para que as vítimas do *slut shaming* recebam assistência adequada nas Políticas Públicas é preciso que haja o reconhecimento deste fenômeno como violência pelos profissionais ali inseridos, cujo entendimento acerca da questão seja livre de preconceitos e comprometida com a resolução desta questão social. Diante disto, faz-se necessário compreender o impacto da vivência da humilhação na internet para a saúde e vida social das vítimas, de forma a poder compor um conhecimento científico acerca da questão que possa embasar ações de cuidado às vítimas nas Políticas Públicas. Partindo destas premissas, este estudo teve como **objetivo geral**, analisar as vivências de mulheres jovens que foram expostas na internet por suas práticas sexuais e as repercussões dessa vivência para a saúde. Como objetivos específicos:

- Identificar as repercussões da vivência das participantes para a vida nos âmbitos social, profissional/escolar;
- Caracterizar as estratégias de enfrentamento utilizadas por tais mulheres diante da situação de exposição/humilhação na internet por suas práticas sexuais;

- Verificar como estas vivências repercutiram para a saúde mental dessas mulheres.

### **A perspectiva de Gênero**

Em vista do que já foi discutido, a saber a caracterização do *slut shaming* como uma forma de violência de gênero, mais precisamente uma violência psicológica contra a mulher que se utiliza da sua sexualidade para vexá-la e humilhá-la publicamente, observamos a necessidade de discutir este fenômeno à luz de uma teoria que discuta as relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres em nossa sociedade. Scott (1995) propõe o Gênero como uma categoria analítica útil nas explicações acerca das relações sociais entre os sujeitos de sexos e orientações sexuais diferentes. Ela parte do pressuposto de que os significados atribuídos aos sexos e gêneros são socialmente construídos e variam de acordo com a cultura e tempo históricos, podendo assumir diversas configurações distintas. O conceito de Gênero, pois, retira da biologia a explicação para as diferenças sociais entre homens e mulheres e busca a explicação para estas diferenças na cultura e na história de uma sociedade.

Ainda sobre Gênero, Scott (1995) discute que, para melhor compreender os fenômenos sociais que envolvem a relação entre homens e mulheres na sociedade atual se faz necessário realizar uma crítica à universalidade da naturalização do feminino, do masculino e das relações entre ambos. Scott denuncia a maneira hierárquica, binária e a-histórica com que as relações entre os sexos tem sido encaradas no contexto social e acadêmico, e ressalta os efeitos deste processo de naturalização na dominação das mulheres. Afirma Scott (1995, p. 41) que “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundado sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma primeira forma de significar as relações de poder”. Partindo deste pressuposto, observamos a necessidade de buscar as origens históricas da exposição pública e humilhação de mulheres por sua sexualidade e de que maneira isto reflete nas práticas de *slut shaming* hoje observadas, a fim de compreender como se dá a relação entre homens e mulheres neste fenômeno.

Compreendendo o *slut shaming* e a pornografia de vingança como uma violência de gênero, podemos buscar suas origens para muito antes do surgimento da internet e das mídias sociais. Laqueur (2001) comenta que, a partir do século XVIII, quando as divergências entre os

sexos passam a ser compreendidas a partir da biologia, a mulher passa a ser colocada na condição de seres cuja sexualidade está focada apenas na reprodução, sem quaisquer desejos carnavais. Desta maneira, aquelas que, de qualquer maneira, desfrutassem do prazer sexual eram alocadas na condição de desviantes, mulheres que violavam a própria natureza feminina, ao ponto de o interesse sexual feminino “exacerbado” constituir uma patologia psiquiátrica, a ninfomania.

Del Priore (2009) afirma que, no contexto do Brasil Colônia, aquelas mulheres cuja sexualidade não se enquadrava nos padrões que a Igreja procurava assentar, o de mulher assexuada, casada, submissa ao marido, esposa e mãe em tempo integral, eram julgadas por seus “atos imorais”. A denúncia partia da própria comunidade, que calava diante daquelas mulheres que fossem discretas, mas não aceitavam aquelas que vivessem de maneira “escandalosa”, sem procurar esconder seus tratos ilícitos, expondo-as às autoridades eclesiásticas. Seus casos eram expostos a público e usados como referência do que não era desejado em uma mulher. Faz-se necessário salientar que a mulher que desejasse manter sua fama de “honesta” devia participar do escárnio público das “mulheres venais”, ou seria taxada de conivente com as ações imorais da outra, conseqüentemente sendo vista como uma mulher da mesma qualidade inferior. Constroem-se aqui duas classes de mulheres, aquelas *de família*, boas, honestas e submissas, voltadas para o casamento e maternidade, e as mulheres *da rua*, meretrizes sujas e subversivas, dadas a uma vida de vadiagem, impróprias para o casamento.

A permanência desta separação entre as classes de mulher “da rua” e “de família” até a atualidade pode ser confirmada através da pesquisa de Armstrong, Hamilton, Armstrong e Seeley (2014), realizada na Midwest University, onde analisam o discurso de jovens universitárias acerca do que elas definiram como “*Slut Discourse*” – a manutenção de uma hierarquia de classes entre as mulheres com base no histórico e comportamento sexual das mesmas. Compreendeu-se, com essa pesquisa, que quanto mais “vadia” uma mulher, mais avaliada como de baixa classe é pelas outras, ao passo que grupos que historicamente têm ocupado lugares sociais de opressão (como mulheres negras e pobres) são consideradas mais “vadias”, e assim possuem baixo valor social no meio universitário. A necessidade que as mulheres ainda sentem em diferenciarem-se das “vadias”, afirmando-se como mulheres de maior valor social, pode nos ajudar a compreender a participação de mulheres nas ações de humilhação de outras através da internet.

Já no século XX, na França pós-Segunda Guerra Mundial, durante os tribunais da “*Épuration Légale*”, responsáveis por identificar, julgar e punir colaboracionistas com o regime alemão, o governo francês puniu cerca de 30.000 mulheres por serem prostitutas ou amantes de soldados alemães que ocuparam a França durante a guerra (Leclerc & Weindling, 1995). Estas mulheres foram consideradas “nacionalmente indignas” e para além da pena por prisão e perda dos direitos civis, eram expostas e humilhadas nas ruas. Muitas tiveram seus cabelos raspados, foram queimadas, despidas, abusadas e obrigadas a caminhar pelas ruas nesta condição. Mesmo depois de terem cumprido suas penas continuaram a ser perseguidas, atacadas e humilhadas pelas ruas. O suicídio entre estas mulheres acabou sendo frequente.

No rol das práticas de humilhação pública de mulheres por suas práticas sexuais, a pornografia de vingança parece tomar um lugar central na atualidade. Uma rápida busca na internet pode revelar dezenas de sites dedicados exclusivamente a exibir material pornográfico caseiro, feito com ou sem o conhecimento e consentimento da vítima, disponibilizados por parceiros e ex-parceiros<sup>1</sup>, que em alguns casos desejavam exibir suas conquistas sexuais para terceiros e/ou desejavam vingança contra a ex-parceira. Ao buscar as raízes históricas para o ato de um homem, especialmente um parceiro ou ex-parceiro, exibir sexualmente uma mulher com o intuito de vexá-la, nos deparamos com a prática do candaulismo. De acordo com Aggrawal (2008), o candaulismo seria uma variação do exibicionismo, onde o praticante força sua esposa ou parceira a exibir-se ou ter relações sexuais com outros. O termo faz referência a Candaules, rei da Lídia de 735 a 718 a.C., que, orgulhoso da beleza de sua esposa e no desejo de impressionar outros com a sua conquista, armou um plano para exibi-la para Gíges de Lídia, seu então guarda-costas (Ramsland & McGrain, 2009).

Segundo Ramsland e McGrain (2009), o praticante do candaulismo obteria prazer em exibir sua parceira, pessoalmente ou através de fotos ou vídeos, para outros homens. Além do caso de Candaules, são muitos os exemplos desta prática na história, podendo aqui citar o caso de Sir Richard Worsley, 7th Baronet, no século 18, Inglaterra, que teria auxiliado Georges Bisset a assistir sua esposa tomando banho sem o consentimento desta, como também o caso mais recente do espião soviético Robert Hanssen, que realizou diversas práticas de exposição de sua esposa

---

<sup>1</sup> A busca pelo termo “caiu na net” no Google constitui um bom exemplo desta prática.

para um amigo, que iam desde o envio de fotos sexualmente explícitas até instalar um circuito interno de câmeras para que este pudesse observá-los em suas relações sexuais, tudo sem o conhecimento ou consentimento dela.

Desta maneira, podemos observar que a prática de expor e humilhar mulheres publicamente por estas terem comportamentos e práticas sexuais fora do socialmente desejado já vem sendo realizado ao longo da história, como marco da opressão e repressão sexual feminina. Como afirma Nabil (2012), aquilo que já era prática social reforçada por um sistema de opressão de gênero veio a encontrar na internet, especialmente nas mídias sociais, um novo meio de expressão. Assim sendo, partindo do que discute Scott (1995) acerca das relações de gênero, é possível identificar que o *slut shaming* estabelece a permanência de uma relação de dominação do masculino sobre o feminino, se utilizando da humilhação como meio de controle da sexualidade e da vida pública das mulheres.

## 2. MÉTODO

### Tipo de pesquisa

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório e transversal, com abordagem qualitativa, referendado na perspectiva de gênero.

### Participantes

Participaram, de forma não probabilística e por conveniência, mulheres jovens com idades igual ou superior a 18 anos e que tinham experienciado alguma forma de exposição e humilhação na internet por suas práticas sexuais. Responderam o questionário 10 mulheres, no entanto um questionário teve de ser excluído pois a experiência da participante não condizia com a temática da pesquisa, e participaram da entrevista quatro mulheres.

Devido à dificuldade de conseguir participantes, ampliamos o território da pesquisa para todo o território nacional. Participaram da entrevista mulheres de três regiões do Brasil (Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste). Foram definidos como critérios de inclusão: Os participantes da pesquisa deviam ser mulheres jovens que já tivessem atingido a maioridade e tivessem experienciado alguma forma de exposição e humilhação na internet por suas práticas sexuais. O número de participantes foi definido por critério de conveniência.

### Instrumentos de pesquisa utilizados

Para a coleta dos dados foram utilizados os seguintes instrumentos:

1. Questionário online com questões para caracterizar a participante em seus aspectos sociodemográficos e sobre a vivência do *slut shaming*. O questionário foi constituído majoritariamente por questões objetivas, onde foi oferecido à participante diversas opções de escolha de resposta para uma questão, podendo também a mesma incluir uma opção que não estivesse entre as oferecidas. Ao final do questionário, deixamos uma caixa de resposta aberta para que a participante descrevesse brevemente a sua experiência de *slut shaming*. Tal questionário foi divulgado na internet através das redes sociais, utilizando como veículo os grupos e páginas de coletivos feministas. O questionário online foi

utilizado também como um meio de entrar em contato com as participantes para convidá-las a participar da entrevista;

2. Entrevista semiestruturada com questões norteadoras sobre a temática em estudo. Tais entrevistas, por sua vez, foram gravadas para posterior transcrição. Foi adotado na entrevista a técnica da evocação/enunciação/averiguação, onde se pedia, em primeiro lugar, que a participante evocasse e enunciasse palavras ou frases que definissem sua experiência pessoal de exposição e humilhação na internet por suas práticas sexuais e, em segundo lugar, palavras ou frases que definissem o *slut shaming* no geral. Posteriormente, averiguou-se quais os sentidos atribuídos pela participante para cada palavra ou frase que ela havia enunciado anteriormente.

## **Procedimentos**

A pesquisa foi iniciada após a liberação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba (Parecer nº 1.425.181 / CAAE 51438815.5.0000.5188), seguindo as diretrizes da Resolução 466/12 CNS/MS. Inicialmente, foi divulgado através da internet o questionário online, como uma forma de entrar em contato com as participantes em potencial, para isto contamos com o auxílio de organizações e entidades de defesa dos direitos das mulheres que, contatadas pela pesquisadora, se disponibilizaram a divulgar o instrumento. No questionário, a participante responde se deseja falar mais sobre sua experiência, e se sim deixa seu contato para que a pesquisadora a procure. Todas aquelas que informaram desejar falar mais sobre sua experiência foram contatadas pela pesquisadora através de e-mail ou telefone, de forma a explicar melhor a pesquisa e combinar a entrevista, realizada via Skype.

A pesquisadora criou uma conta no Skype com as suas próprias informações, e esta conta e uma senha própria foram disponibilizadas para a participante, de forma a que nenhuma das informações pessoais desta pudessem estar ligadas ao arquivo da entrevista. As participantes também foram informadas antes da entrevista para não se referir às informações pessoais suas durante a mesma. Desta maneira, no caso de invasão (vírus), a participante e suas informações pessoais estariam completamente protegidas.

Antes do início da entrevista, foi explicado e lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a participante e, mediante sua aceitação e concordância, o áudio da entrevista foi gravado, para posterior transcrição. A participante poderia escolher se preferia realizar a entrevista por conferência de vídeo, chamada de voz ou por chat (mensagens instantâneas), visto que algumas participantes não se sentiam a vontade em expor sua imagem ou voz pela internet, talvez motivadas pelas violências já sofridas, e isto era possível visto que não interferia no método da entrevista.

Não foi utilizado um roteiro pré-determinado para a entrevista, no entanto esta seguiu a lógica da evocação/enunciação/averiguação acerca da temática, onde, inicialmente, pediu-se à entrevistada que evocasse conteúdos, palavras ou frases referentes à sua experiência de exposição online, como também conteúdos acerca da temática no geral, enunciando tais conteúdos. Posteriormente, passou-se à fase de averiguação, onde retomávamos cada conteúdo enunciado pela entrevistada, pedindo que discorresse acerca de tal conteúdo. Ao final da entrevista, a pesquisadora deveria: trocar imediatamente a senha da conta fornecida à participante, para que esta não tivesse mais acesso à mesma; transferir o arquivo de áudio da entrevista para uma conta no Google Drive e apagar o seu original no computador, de forma a protegê-lo de possíveis invasões; apagar completamente o histórico da conta Skype, para que as próximas participantes não tivessem acesso à ele; fazer uma varredura com um antivírus apropriado (Avast), de forma a investigar e prevenir possíveis invasões. Se, mesmo mediante todas estas precauções, ocorresse alguma invasão, a identidade das participantes estaria completamente protegida, devido ao fato de não terem utilizado sua conta ou informações pessoais durante a entrevista.

### **Procedimento de análise**

Os dados coletados com os questionários através das questões objetivas foram submetidos a uma análise de estatística descritiva (frequência), com o objetivo de elucidar o perfil das participantes e da violência que sofreram. O material coletado com as entrevistas foi analisado através do método da análise de conteúdo temático-categorial proposto por Bardin (2011), que permite o acesso e estudo de conteúdos explícitos e implícitos no texto. A análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) é composta por três fases: Inicialmente, na pré-análise, as entrevistas

foram submetidas a uma leitura “flutuante”, permitindo a familiarização com as temáticas abordadas. Em seguida, na fase de exploração do material, foram definidas as unidades de codificação e estas foram organizadas em categorias temáticas, de acordo com o seu conteúdo, que, por sua vez, foram divididas em subcategorias. Por fim, no tratamento dos resultados, buscou-se interpretar os resultados brutos, elucidando seus significados.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### Dados sociodemográficos e caracterização do *Slut Shaming*

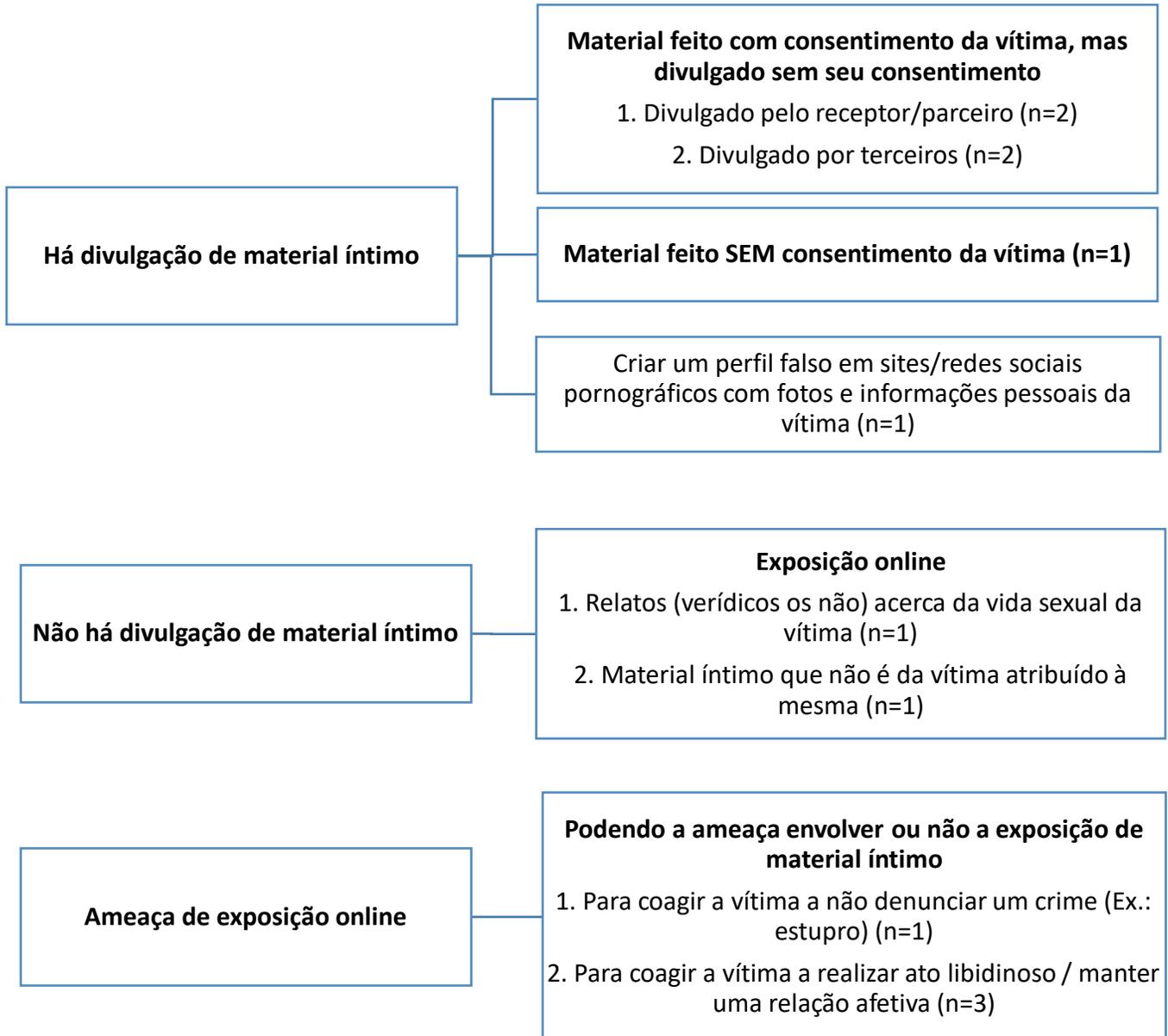
O questionário online foi respondido por 10 mulheres, das quais uma resposta teve que ser anulada por não se referir à temática estudada (n=9). As participantes têm, em média, 24.7 anos (variando ente 19 e 33 anos, DP=3,76), e em relação ao nível de escolaridade, quatro (n=4) possuem Ensino Superior Incompleto, duas possuem Ensino Superior Completo, duas possuem Pós-graduação (uma no nível *stricto sensu* e uma *lato sensu*) e uma das participantes informou ter Ensino Médio Completo. A renda mensal média das participantes foi de R\$6.926,66 ao mês (variando entre R\$2.500,00 e R\$13.200,00 ao mês). A maioria das participantes se autodeclarou branca (n=7), uma se declarou indígena e uma parda, e em relação a religião a maioria das participantes declarou não ter religião (n=6), duas se declararam espíritas e uma católica.

Tais dados sociodemográficos não necessariamente indicam o perfil das mulheres que sofrem *slut shaming* no Brasil, visto que o questionário não foi respondido por uma amostra estatisticamente significativa da população e as participantes foram selecionadas por conveniência. Desta maneira, as participantes foram, em sua maioria, mulheres jovens com alto nível de escolaridade e alto poder aquisitivo em relação à média nacional, o que pode ser atribuído ao fato da pesquisa ter sido divulgada, principalmente, através da internet. O fato da maioria das participantes ter entrado em contato com a pesquisa através da divulgação por parte de coletivos feministas também pode implicar que as participantes possuam um conhecimento especializado acerca da temática em questão, reconhecendo-a como uma forma de violência contra a mulher, como também se reconhecendo como uma vítima de uma violência de gênero.

Quando questionadas acerca de sua experiência de exposição e humilhação na internet, as participantes declararam que o fato havia ocorrido há, em média, cinco anos (variando entre 1 e 11 anos, DP=3,85) e uma das participantes informou que sofrido *slut shaming* cerca de duas semanas antes de responder ao questionário. A idade média das participantes no momento da violência foi 16,7 anos (variando entre 14 e 24 anos, DP=3,45). Ressalta-se aqui o fato da maioria das participantes ainda ser adolescente à época da violência, o que não apenas agrava o seu estado de vulnerabilidade social como também traz para discussão a defesa dos Direitos da

Criança e do Adolescente. O agressor foi, em maioria, um parceiro ou ex-parceiro da participante (n=5), seguido por amigo (n=2) e desconhecido (n=2). Tais resultados reforçam a questão de gênero mormente que envolve o *slut shaming*, como sendo uma violência praticada por homens contra mulheres, perpassando também a violência doméstica, visto que a maioria dos casos teve como agressor um parceiro ou ex-parceiro da vítima.

No questionário, foi pedido às participantes que relatassem brevemente a sua experiência de *slut shaming* online. Os resultados nos permitiram observar a enorme diversidade de práticas de *slut shaming* atualmente realizadas no universo online. A partir dos dados obtidos, construímos a seguinte tipografia para a melhor compreensão acerca destas práticas de exposição e humilhação de mulheres por suas práticas sexuais através da internet:



**Figura 1.** Tipografia de práticas de *slut shaming*. Dados obtidos com os relatos das participantes do questionário online (Sousa, 2017).

A discussão acerca da exposição online de mulheres tem focado suas discussões nos casos de pornografia de vingança, onde há divulgação de material íntimo das vítimas. Todavia, tais dados nos permitem conhecer a variabilidade das maneiras como uma pessoa pode ser exposta na

internet, como também dos possíveis ganhos para o agressor ao fazê-lo ou ameaça-lo. No rol das exposições que envolvem a divulgação de material íntimo, encontramos nos dados coletados casos onde o material íntimo havia sido produzido com o consentimento das vítimas, entretanto havia sido divulgado sem o consentimento das mesmas, sendo este material divulgado pelo receptor ou parceiro (n=2) ou por terceiros (n=2). O material íntimo também pode ter sido produzido sem o consentimento da vítima (n=1), neste caso envolvendo uma gravação feita sem o conhecimento da vítima por um parceiro sexual, na casa dele.

Ainda envolvendo a divulgação de material íntimo da vítima, a exposição pode ocorrer através da criação de um perfil falso em sites ou redes sociais pornográficas com fotos e informações pessoais da vítima, tais como telefone ou endereço de e-mail (n=1), com o objetivo de expô-la ao recebimento de mensagens sexualmente agressivas. Mesmo que esta exposição nem sempre envolva a divulgação de material contendo nudez, envolve a exposição pessoal da vítima através de fotos ou informações pessoais suas, o que justificaria sua alocação na categoria de casos onde há divulgação de material íntimo.

Apesar dos casos onde não há exposição de material íntimo não serem temática comum na mídia de massa, a existência desta forma de violência se fez presente nos dados obtidos através do questionário. Tal exposição online se deu através da exposição na internet de relatos acerca da vida sexual da vítima (n=1) para o seu círculo social e família, como também ao divulgar material íntimo que não é da mulher mas, por alguma semelhança física, fazê-lo atribuindo-o à ela (n=1).

Não apenas a exposição online tem consequências para a vida da mulher, como também a ameaça de exposição se mostra como uma forma eficaz de coação e violência. Nos relatos obtidos através dos questionários, a ameaça de exposição online, seja através da divulgação de material íntimo da vítima ou através de exposição de relatos acerca de sua vida pessoal e sexual na internet, foram utilizados para: coagir a vítima a não denunciar um crime (n=1) – no caso, um estupro sofrido pela mulher, praticado pelo próprio parceiro, e; coagir a vítima a realizar ato libidinoso (por exemplo, enviar material íntimo para o agressor) ou manter uma relação afetiva com o agressor (n=3).

## **Categorias temáticas**

Foram realizadas quatro entrevistas com as participantes do questionário que aceitaram o convite para falar um pouco mais sobre suas experiências. Participaram da entrevista quatro mulheres, com idades entre 23 e 25 anos, residentes em estados das regiões Nordeste, Centro-oeste e Sudeste do Brasil. Para garantir a proteção das identidades das participantes, foram escolhidos nomes-fantasia para elas com base em quatro deusas da fertilidade de diferentes culturas, sendo elas: Ísis (egípcia), Gaia (grega), Ishtar (suméria) e Freya (nórdica). Tendo as entrevistas seguido o método da evocação/enunciação/averiguação, foi pedido às entrevistadas que evocassem os três pontos, palavras ou frases mais importantes da sua experiência acerca do *slut shaming*, como também os três pontos, palavras ou frases mais importantes no que diz respeito à temática em questão no geral.

Quanto aos pontos pessoais, relativos à experiência das entrevistadas com a humilhação na internet, as palavras e frases evocadas foram: perda do respeito; afetou relacionamento afetivo; não perpetuação; situação inevitável; o que a família ia querer fazer; ir morar em outra cidade; exposição; humilhação; anonimato; exclusão da privacidade; perda do respeito; perda da autoestima. Podemos aqui observar que o fator “perda do respeito” foi citado por duas das quatro entrevistadas. Já quando questionadas acerca dos pontos importantes relativos à temática do *slut shaming* no geral, as entrevistadas citaram: temática pouco discutida; necessidade de discutir a temática; necessidade de caracterizar como crime; necessidade de apoio profissional e social; falar mais sobre; a culpa sempre vai para a mulher; mulheres que fazem ensaios nus ou seminus ajudam a quebrar o tabu; pessoas tratam a troca de *nudes* com uma falsa naturalidade; machismo; vingança; impunidade; conscientização; apoio; superação. É possível observar que a necessidade de discutir melhor a temática e conscientizar a sociedade foi citada por três das quatro entrevistadas, assim como duas ressaltaram a necessidade de caracterização como crime e outras duas a necessidade de apoio para as vítimas.

Inicialmente, apresentaremos as narrativas das experiências de cada participante, de forma a constituir uma *Caracterização da Experiência* de cada uma delas. Tal narrativa será organizada em cinco tópicos: Caracterização, Redes Sociais, Agressor, Reação Emocional e Ações Tomadas). Os conteúdos que emergiram através das entrevistas puderam ser organizados em

cinco categorias temáticas, sendo elas: *Consequências* (dividida nas subcategorias Consequências para si, Consequências para Outras Mulheres e Consequências para a Rede de Apoio); *Saúde Mental*; *Apoio Profissional* (que dividiu-se nas subcategorias Profissionais Psi [psicólogo / psiquiatra] e Área Jurídica [polícia]); *Rede de apoio*, e; *Representações do Slut Shaming* (organizada em cinco subcategorias – Caracterização, Agressor, Mídia, Motivos e Soluções).

### Caracterização da Experiência

Todos os conteúdos relativos à experiência pessoal de cada entrevistada com o *slut shaming* foram reunidos nesta sessão intitulada “Caracterização da Experiência” que, por sua vez, foi organizada em cinco tópicos: *Caracterização*, *Rede Social*, *Agressor*, *Reação Emocional* e *Ações Tomadas*. Aqui temos por objetivo construir uma narrativa acerca das experiências das participantes, de forma a permitir ao leitor o contato com cada experiência vivida de uma maneira mais holística e não-fragmentada.

### *Caracterização*

A subcategoria “Caracterização” pode ser melhor compreendida ao analisar individualmente as experiências de cada entrevistada, visto que cada uma viveu um tipo de exposição online bastante diferente das demais, sendo possível, todavia, encontrar diversas similaridades do processo de exposição delas. A primeira entrevistada, Ísis, 23 anos, tinha 21 anos na época da exposição e teve um vídeo íntimo de outra mulher compartilhado e atribuído a ela. Tal vídeo não mostrava o rosto, e ela acredita que se mostrasse o rosto seria mais difícil de ser esquecido. A entrevistada tomou conhecimento de que um vídeo estava sendo compartilhado e atribuído a ela através de uma colega de faculdade, e sua reação inicial foi de estranhamento, visto que não havia filmado ou consentido gravação de imagens suas. Apesar dela viver em uma cidade pequena, o que foi visto como um problema, já que ela passou a ser “reconhecida” onde quer que fosse, o tempo de “efervescência” do vídeo durou cerca de três ou quatro meses, o que a entrevistada considerou como tendo acabado rápido, uma vez que o vídeo foi compartilhado com um grupo pequeno, e seu nome foi eventualmente esquecido. Segundo a entrevistada, isso se deu

devido ao fato do vídeo não mostrar o rosto da mulher, visto que “ninguém tem interesse em saber de um vídeo que não tá mostrando a cara de alguém pra poder ir lá e zoar, né?” (Ísis).

Gaia, a segunda entrevistada, tinha 14 anos na época de sua exposição. Hoje, aos 24, conta que, pressionada pelo namorado, enviou fotos íntimas para ele. Outra menina havia sido exposta na sua cidade pouco antes, o que lhe trazia a certeza de que as fotos iam vazar e a família ia descobrir. A entrevistada afirmou que sabia que poderiam ser vazadas para uma comunidade no Orkut, o que a fazia olhar constantemente tais comunidades a fim de encontrar as suas fotos quando fossem vazadas, até que aconteceu. Nas suas palavras:

eu tinha intuição de que se um dia minhas fotos vazassem elas seriam divulgadas nessas comunidades, então eu ficava entrando absurdamente o tempo inteiro. E aí teve um final de semana que eu jurei que isso ia acontecer, e a primeira coisa que eu fiz quando eu acordei no domingo de manhã foi ver a comunidade e tava o link das fotos lá. (Gaia)

Segundo ela, a sua cidade, apesar de ser uma capital, trazia uma sensação de cidade de interior, onde todo mundo se conhecia e saberia das suas fotos, o que a estimulou a se mudar. Depois que mudou de cidade nunca mais falou sobre isso com ninguém, visto que na faculdade as pessoas não sabiam da sua exposição online.

A terceira entrevistada, Ishtar, 23 anos, respondeu à nossa entrevista apenas duas semanas depois da sua exposição online. Ela afirma que nunca postou conteúdos sexuais nas redes sociais, entretanto foi exposta na internet por um desconhecido. O agressor divulgou seu endereço de Snapchat em um Chan (fórum anônimo online), o que ocasionou que ela fosse adicionada no Snapchat por desconhecidos, que *stalkearam* (perseguiram) sua vida online, enviando para ela fotos antigas suas como uma forma de ameaça. Ela foi chantageada pelos assediadores quando pediu informações, que exigiram fotos íntimas para informar onde teriam tido acesso aos seus dados, como também a enviaram mensagens sexualmente agressivas e ameaçadoras. A entrevistada sabia que seu perfil estava exposto em um ambiente misógino e não teria como deletar tal exposição, e acredita que as chantagens e mensagens sexualmente agressivas foram enviadas para humilhá-la e subjuga-la por ser mulher. Segundo ela,

a partir do momento que começaram a me chantagear querendo fotos nuas minhas, quando me mandaram vídeos do pênis... o que leva um homem a achar que uma mulher vai cair de amores por isso? eles fazem isso pra humilhar, pra subjugar e por serem homens. (Ishtar)

Por sua vez, a quarta entrevistada, Freya, 25 anos, passou por duas situações de *slut shaming*. A primeira experiência aconteceu aos 12 anos e não foi realizada apenas através da internet. Segundo a entrevistada, ela morava em uma cidade pequena e beijou um colega em uma excursão da escola enquanto namorava outro. Ela se arrependeu, explicou o que havia acontecido para o namorado e terminou o relacionamento com ele, tendo continuado como amigos. Entretanto, ela passou a ser hostilizada por colegas, professores e mesmo por desconhecidos na rua. Tal experiência foi usada pelo ex-namorado, quando ela tinha 24 anos, para coagi-la a não denunciar um estupro.

No dia seguinte a esse na escola, até os professores estavam comentando e me dando lições de 'como ser uma mocinha' e 'não pegar doenças'. [...] esse trauma que eu tenho foi usado contra mim recentemente (1 ano atrás) por um ex-namorado que ameaçou me expor também caso eu o denunciasse por estupro. devo confessar que foi um método eficaz, porque eu não o fiz. ele também ameaçou meus familiares e amigos, mas achei de uma baixeza vil ele usar meu trauma contra mim. (Freya)

### *Redes Sociais*

As Redes Sociais utilizadas pelos agressores para expor ou ameaçar as entrevistadas foram diferentes em cada caso. No caso de Ísis, o vídeo que foi a ela atribuído foi compartilhado através do *WhatsApp*, aplicativo de troca de mensagens que também oferece o serviço de envio de material (documentos, vídeos, fotos, entre outros) para pessoas e grupos. Nas palavras da entrevistada, “esse vídeo estava sendo compartilhado pelo *WhatsApp* [...] cê envia pra uma pessoa e essa pessoa envia pra sei lá quantos grupos.” (Ísis)

Gaia, por sua vez, teve suas fotos íntimas hospedadas em um site internacional, comumente utilizados pelos agressores online pela dificuldade de rastreamento do autor da publicação, e divulgadas através de uma comunidade no site Orkut, rede social muito popular no Brasil na década de 2000, hoje extinta. Ishtar teve sua conta no *Snapchat* (aplicativo de compartilhamento de fotos e vídeos breves e troca de mensagens que se apagam pouco depois de serem visualizadas) compartilhado em um *Chan*, que são fóruns anônimos online. Segundo a entrevistada, os *Chans* são um ambiente inóspito para mulheres, servindo para a divulgação de pornografia e pedofilia pelos seus usuários. “Lembra do atirador de Realengo? Ele era usuário desses *chans*, principalmente o *55chan*.” (Ishtar). Por fim, Freya, na sua primeira experiência, sofreu um *slut shaming* realizado principalmente no boca-a-boca, contudo a sua segunda experiência envolveu uma ameaça de exposição através de uma carta aberta pelo *Facebook*, rede social popular na atualidade que permite o compartilhamento de mídia e texto de maneira pública ou privada.

Como observa Nabil (2012), a humilhação pública de mulheres, sendo prática já existente na sociedade, que tendia a expor e violentar aquelas que não se enquadravam no padrão de feminilidade aceitável, veio a encontrar em diferentes meios e redes sociais na internet uma nova forma de expressão e dominação. Com base na autora e nos dados observados com as entrevistas, podemos afirmar que o âmago da questão do *slut shaming* online não reside nos meios de divulgação escolhidos. Observamos uma variedade de mídias utilizadas pelos agressores para expor as entrevistadas, possuindo em comum o objetivo de constrangê-las publicamente. Desta maneira, podemos observar que a exposição online não depende exclusivamente da mídia ou rede social utilizada pelo agressor, visto que os usuários se veem como livres para compartilhar qualquer tipo de conteúdo que lhes interessa, sem preocupações com as consequências. Contudo, uma política de privacidade voltada para proteger os direitos civis dos cidadãos em cada rede social pode contribuir para o controle da publicação de material danoso a terceiros e punição para os agressores. Mesmo assim, devido ao poder mutável do meio online e a dificuldade de legislar em tal meio, continuaria sendo fácil encontrar outra rede social ou mídia que permitisse a divulgação de tais conteúdos.

---

<sup>2</sup> <https://www.55chan.org/>

### *Agressor*

Os agressores de três das quatro entrevistadas foram ex-parceiros seus, sendo o da quarta um agressor anônimo. O agressor de Ísis foi um ex-parceiro ocasional, que durante o tempo em que estavam juntos demonstrou comportamento controlador e estava envolvido em um meio social misógino.

eu creio que eu fiquei chateada uma vez porque eu almocei com ele, eu bebi um pouquinho a mais ele ficou, tipo assim, fazendo cara de merda pra mim, sabe, como se eu não pudesse beber, como se eu não pudesse, como se eu não pudesse conversar com mais ninguém que tava na mesa lá com a gente. (Ísis)

Segundo ela, ninguém confirmou que o ex-parceiro era de fato quem havia compartilhado o vídeo, entretanto ela sabia que era ele pelo círculo social em que foi divulgado.

Gaia foi exposta por um ex-namorado adolescente, que a manipulou para que tirasse as fotos. Ele a chantageava sempre que se via chateado e pedia para que ela enviasse as fotos, argumentando que todas as suas ex-namoradas haviam enviado fotos íntimas e mostrando para ela tais fotos. “Então... quando eu volto a pensar nesse assunto, sabe, eu vejo que eu fui completamente manipulada, sabe. [...] Aí ele mostrou fotos dela. [...] Ele mostrou e falou ‘nossa, fulana e fulana fizeram isso por mim, então’.” (Gaia). Ao término do relacionamento, ela pensou que o ex-namorado não teria maturidade para lidar com a posse dessas fotos e tentou conversar com ele sobre elas, todavia ele deu a entender que era uma questão de tempo até compartilhá-las. Ele divulgou as fotos cerca de um mês depois do fim do relacionamento, de maneira que as fotos foram hospedadas em sites estrangeiros e uma terceira pessoa as publicou na comunidade no Orkut, entretanto ele já havia enviado as fotos para outras pessoas. Ela afirma que não tem certeza se ele chegou a divulgar as fotos das outras namoradas, e se pergunta se as namoradas que ele teve depois dela souberam do que ele fez com ela. Ela também afirmou que não vê ninguém questionando o comportamento dele, visto que o fato foi tratado como uma fatalidade e não como algo que ele causou. “Porque muitas vezes era tratado como fatalidade e não uma coisa que ele

causou, sabe. Que ele causou aquele estrago na minha vida, sabe. Se não fosse ele esse estrago não teria existido.” (Gaia).

Ishtar foi assediada em suas redes sociais por agressores anônimos que, a julgar pelos *usernames*, acredita que todos os agressores fossem homens. Ela se referiu às ações de dois assediadores em especial, tendo o primeiro afirmado ter pago a alguém por *usernames* de mulheres no *Snapchat* e o segundo enviado um vídeo de um homem se masturbando, entretanto ela foi abordada por mais assediadores. Ela afirmou que teme que uma pessoa conhecida a tenha exposto, e se pergunta se um agressor seria um ex-parceiro ou alguém que ela rejeitou desejando vingança. Segundo a entrevistada, antes ela sentia as agressões como uma ameaça à sua segurança, entretanto agora pensa que foi uma atitude covarde.

Já Freya foi agredida na sua primeira experiência principalmente pelos colegas da escola. Entretanto, na sua segunda experiência o agressor foi seu ex-namorado, que conhecia a sua primeira experiência de *slut shaming*. Ela terminou o namoro depois de ser sexualmente abusada por ele, e para coagi-la a não denunciar o abuso ele ameaçou expô-la online através de uma carta aberta no *Facebook*, tendo também ameaçado ela e seu familiares de morte.

ele então, em um de seus muitos telefonemas, disse que postaria no fb uma carta aberta falando sobre mim, sobre meus problemas emocionais, meu desempenho sexual, o que eu gostava de fazer na cama, e o que mais ele quisesse criar. além de ameaças a vida de meus familiares e amigos. ele também disse que seria muito fácil fazer um corpo aparecer no rio da cidade. (Freya)

No que diz respeito aos agressores das entrevistadas, ressalta-se o fato de três dos quatro casos serem ex-parceiros delas. Reafirma-se em tais dados o *slut shaming* como uma prática de vingança pelo término de um relacionamento, ferindo a liberdade individual de cada mulher em poder definir os cursos de sua vida afetiva livremente. Todavia, faz-se preciso chamar atenção para os agressores anônimos que, uma vez exposta a mulher, a assediam com mensagens sexualmente agressivas nas redes sociais. Tais agressores demonstram um comportamento perante as mulheres já expostas de que, uma vez publicamente humilhada, torna-se aceitável

assediá-las e agredi-las, principalmente com mensagens e material de conteúdo sexual, pois esta mulher já não mais tem direito a ser respeitada. Usando os termos propostos por Del Priori (2009), as mulheres expostas na internet saem da categoria de “mulheres de família” e passam a fazer parte da categoria de “mulheres da rua”, sendo automaticamente tratadas como prostitutas e promíscuas, e perdendo o seu direito a recusar qualquer avanço sexual masculino ou registrar queixa contra os assediadores, devido ao anonimato dos mesmos.

### *Reação emocional*

Quanto à reação emocional das participantes ao saber da sua exposição, Ísis afirmou que conseguiu lidar bem com a situação e que depois de um ano já não se preocupava mais, e apenas lembrou quando tomou notícia deste estudo. Gaia, por sua vez, afirmou que se sentiu deprimida na espera de que as fotos fossem vazadas. Já Ishtar afirmou que, assim que recebeu os primeiros ataques, começou a chorar e sentiu-se impotente diante da situação. “Eu não pedi por aquilo.” (Ishtar). Ela se questionou sobre se havia feito algo pra causar isso, e que ainda sente-se insegura, afirmando que passou a ficar paranoica, com medo de novos ataques. Por fim, Freya disse que se sentiu impotente e injustiçada, pois sabe que não vai ter justiça pelo que aconteceu com ela. Ela sentiu medo e pensou em fugir, uma vez que acreditava que talvez pudesse recomeçar em algum lugar onde ninguém a conhecesse.

### *Ações tomadas*

Em relação às ações tomadas pelas entrevistadas em relação à violência que sofreram, Ísis afirmou que preferiu não confrontar o agressor. Ela queria tomar providências legais, contudo isto não foi possível visto que não teve acesso ao vídeo. Ela também pensou em fazer uma denúncia à reitoria da universidade caso reunisse mais provas, mas na falta de provas preferiu se preservar, entretanto, desejava que a universidade se empenhasse em uma campanha de conscientização acerca do tema. “Mas na falta de provas eu eu pensei em me preservar, e como não tinha o meu rosto exposto eu sabia que provavelmente isso não duraria muito tempo. Foi o que aconteceu, né.” (Ísis). Já Ishtar bloqueou todos os assediadores nas redes sociais, e afirmou que não era possível entrar na justiça devido ao anonimato dos agressores.

Gaia registrou queixa na Delegacia do Menor e iniciou um acompanhamento psicológico. Freya, por sua vez, tentou fazer uma denúncia pelo Disque 180, mas não obteve sucesso, e seu pais não tomaram atitudes legais. Entretanto, seus pais baniram a entrada do agressor no condomínio, desligaram telefones e o bloquearam nas redes sociais. Observamos com base em tais relatos que a falta de provas pode impedir mulheres expostas na internet de registrarem denúncias contra seus agressores, principalmente quando a internet propicia para estes a proteção do anonimato.

### Consequências

A categoria “Consequências” reuniu conteúdos relacionados às consequências da exposição online tanto para as entrevistadas quanto para terceiros. As entrevistadas, em sua maioria, relataram as consequências do *slut shaming* para si realizando um paralelo com as consequências sofridas por outras mulheres, de certa maneira minimizando as próprias consequências, uma vez que elas teriam sofrido, mas outras mulheres, que sofrem exposições maiores, sofreram mais, como pode ser observado nas falas de Ísis e Gaia:

Eu, graças a Deus, consegui lidar da forma mais natural possível, mas eu sei que a grande maioria tem uma dificuldade muito grande pra lidar com isso, principalmente porque esse tipo de violência vem geralmente de parceiros, de homens, de longa data, muitas vezes até maridos. (Ísis)

naquela época, na minha cidade, isso tinha acontecido com uma outra menina, né, que era de um colégio mais tradicional, e ela era uma menina, sei lá, clássica patricinha do colégio, e aconteceu isso com ela bem na época. Então ela ficou famosa, assim, na cidade inteira, por causa disso. Então pra ela foi muito pior, e enfim... todo mundo sabia o que tinha acontecido com ela. Tinha um, na época era Orkut, né? Tinha comunidade falando mal dela, assim, sabe. (Gaia)

Desta maneira, a categoria foi dividida em três subcategorias: *consequências para si mesma*, *consequências para outras mulheres* e *consequências para a rede de apoio*.

### *Consequências para si mesma*

Quanto às *consequências para si mesma* observadas pelas entrevistadas, todas as quatro afirmaram que pararam de usar as redes sociais depois do ocorrido, ou pelo menos reduziram bastante o uso e restringiram a privacidade de seus conteúdos.

Eu era, eu usava muito o Facebook, hoje em dia eu praticamente não uso. Desde que isso aconteceu eu praticamente não uso. Tranquei todas as minhas fotos, bloqueei muitas pessoas pra poder cortar isso daí. E isso foi o que mais me incomodou mesmo, porque as pessoas elas acham que não precisam mais te respeitar. (Ísis)

não teve essa chance porque eu me deletei totalmente da internet. Acho que eu tinha, sei lá, MSN, que eu entrava muito de vez em nunca [...]Então foi isso, eu simplesmente me apaguei, então as pessoas não tinham nem o que atacar, sabe. (Gaia)

isso me deixou quase um ano sem sair de casa, ou atender o telefone, ou acessar o facebook. (Freya)

Este comportamento poderia, inclusive, explicar a dificuldade para alcançar participantes para este estudo, visto que o meio de acesso que tivemos foi através da internet, pelas redes sociais. Tal comportamento tinha como principal objetivo evitar o recebimento de mensagens sexualmente agressivas e insultantes, recebidas por todas as entrevistadas após sua exposição online, enviadas por terceiros, anônimos ou mesmo pelo agressor. “Eu recebi muitos, er, inbox no Facebook de usuários fake que que tentavam marcar programa comigo, marcar pra sair comigo.” (Ísis).

Ísis afirmou que as principais consequências observadas foram a sua exposição pública e julgamento social, confluindo no sentimento de que havia perdido o respeito das pessoas, visto que elas a tratavam como se não precisassem mais respeitá-la. “Você perdeu o direito de falar.”

[...] “porque a gente quer levar a nossa vida normal, e toda hora fica alguém encarando a gente no ponto de ônibus, alguém encarando a gente no barzinho” (Ísis). Apesar disso, ela afirmou que não teve muitas consequências graves, e que conseguiu lidar com a situação de forma natural.

Gaia, por sua vez, passou um ou dois dias sem ir para o colégio, e eventualmente escutava comparações com outra menina exposta na cidade, visto que sempre que os colegas insultavam a outra menina, logo se corrigiam afirmando que ela (Gaia) não era igual à outra. Ela sentia que, na cidade onde morava, todos que ela fosse conhecer saberiam do seu passado, o que a impulsionou a desejar fazer faculdade em outra cidade, escolhendo uma faculdade do outro lado do país, para fugir, inclusive, das cidades mais escolhidas pelos conterrâneos. “Então ali era um mundinho muito restrito, sabe? Todo mundo que eu fosse conhecer já saberia quem eu era, sabe? Tipo, eu teria essa bagagem pra onde eu fosse.” (Gaia). Tal plano obteve sucesso e ela afirma ter se livrado do estigma, do qual jamais se livraria se tivesse permanecido na mesma cidade. Segundo a entrevistada, ela namorou um outro rapaz do colégio cerca de um ano e meio depois da exposição, e ele afirmou que não olhou as fotos, mas se arrependia de não ter olhado, e, na época, ela acreditava que merecia escutar tais abusos.

E assim, o que ele me falou, eu nunca vou esquecer, foi assim: ele tava em casa com os amigos dele quando as fotos... os amigos dele tavam olhando as fotos, e ele não quis ver, por algum motivo, e aí depois ele me falava “me arrependi de não ter visto”. E eu achava que eu merecia escutar esse tipo de coisa, sabe. (Gaia)

Apesar disso, ela acredita que sua experiência não afetou relacionamentos posteriores, porque não contou para mais ninguém o que viveu. Ela também observa que, até hoje, a culpa é transferida para ela, que tirou as fotos. “Ninguém pensa ‘se ele não tivesse divulgado isso não teria acontecido’. As pessoas pensam ‘se ela não tivesse tirado as fotos isso não teria acontecido’.” (Gaia).

Ishtar afirmou que desenvolveu uma forte insegurança com as redes sociais, porém, depois de bloquear os assediadores, tem tentado retornar à sua rotina normal. Ela observou uma

perda no rendimento nos estudos, acompanhado de forte nervosismo e ansiedade, visto que receia que as agressões aconteçam novamente.

A única entrevistada que falou de suas consequências sem compará-las a consequências piores sofridas por outras mulheres foi Freya, que além de sair das redes sociais também passou um ano sem sair de casa ou usar o telefone. Sua primeira experiência, aos 12 anos de idade, envolveu ouvir piadinhas, ser xingada e agredida na rua por desconhecidos, como também ser assediada e sexualizada na escola. Depois desta experiência seu rendimento escolar caiu, ela recebeu ameaças, era tratada como se não merecesse respeito e afirma ter perdido o direito de dizer não. A entrevistada sente que, se não tivesse passado pela primeira experiência de *slut shaming*, não teria entrado no relacionamento abusivo que levou à segunda experiência. Depois da segunda experiência, ela acredita que até ela mesma perdeu o respeito por si, assim como perdeu a confiança nos outros e passou a acreditar no que diziam sobre ela. Segundo a entrevistada, ela nunca consegue esquecer o que passou e se sentir completamente bem.

pois creio que naquele ponto até eu mesma havia perdido meu respeito por mim mesma. quando várias pessoas repetem a mesma coisa sobre você, deve ser verdade. e foi o que eu acabei acreditando. que eu era (vou usar um palavreado mais leve) uma vagabunda burra sem-vergonha que não prestava pra mais nada.” (Freya).

Os resultados obtidos nesta categoria nos permitem conhecer alguns dos impactos causados pela exposição online na vida das mulheres. Os constantes abusos que se sucedem à exposição online através de mensagens sexualmente agressivas e insultos ouvidos online ou de maneira presencial promoveram, nas entrevistadas, um sentimento de que elas haviam perdido o respeito por parte da sociedade em que se inseriam, sentimento este que promove o desejo de remover-se deste meio social, como uma forma de fugir do sofrimento que ele implica. Tal desejo pode ser facilmente realizado no meio social online, bastando deletar suas contas nas redes sociais, ação esta que também serve de proteção contra novas agressões.

Contudo, o desejo de sair do meio social que assistiu à sua exposição e a julga como culpada pela violência sofrida não é fácil de ser realizado fora da internet. Duas das entrevistadas,

Gaia e Freya, manifestaram para seus pais o desejo de se mudar para outra cidade para fugir do estigma que, segundo elas, passaram a carregar desde que sofreram *slut shaming*. Para Gaia foi possível realizar essa mudança em sua vida alguns anos após sua exposição, obtendo sucesso em livrar-se do estigma desta maneira. Todavia, o mesmo não foi possível para Freya, que se viu forçada a continuar inserida no meio social que proferiu insultos e agressões contra ela após sua exposição, levando-a à um quadro de autodepreciação e sofrimento psíquico. As consequências da exposição online para a própria saúde mental apontadas pelas entrevistadas serão trabalhadas na categoria *Saúde Mental*.

#### *Consequências para as outras mulheres*

A subcategoria *consequências para as outras mulheres* reuniu os conteúdos apresentados pelas entrevistadas relativos ao que elas acreditavam e/ou observavam que as outras mulheres, que foram mais expostas que elas, passavam. As entrevistadas afirmaram que as mulheres expostas online, principalmente quando têm material íntimo seu divulgado, ficam estigmatizadas, perdendo a oportunidade de levar uma vida normal. Estas mulheres, conseqüentemente, acabam tendo que trocar de endereço, trabalho ou local de estudo, podendo sofrer um processo de revitimização dentro de casa e/ou pela mídia.

As entrevistadas afirmaram se preocupar com as mulheres que “trocavam *nudes*”, visto que acreditam que a mulher sempre se prejudica ao trocar *nudes*. Uma das entrevistadas, Gaia, acabou por realizar um paralelo da sua experiência de exposição com a experiência de outra menina, também exposta na sua cidade um pouco antes dela, porém cujo caso foi levado à mídia, sempre afirmando que o caso da outra menina foi pior por conta de toda a exposição midiática que ela sofreu, que acabou por levar a um número maior de pessoas que conheciam seu caso e julgavam-na e degradavam-na através das redes sociais. “Eu no lugar dela, eu não sei o que eu faria, porque foi muito invasivo, tanto a mídia quanto o que o ex-parceiro dela fez com ela, né, que eu não saberia lidar...” (Gaia).

#### *Consequências para a rede de apoio*

Como afirma a entrevistada Ísis, “todo mundo sofre [...] quando acontece uma coisa dessa”. A exposição destas jovens mulheres também teve consequências para as suas redes de apoio, envolvendo familiares, amigos e namorados. Ísis sentiu esse impacto forte da sua exposição na vida do namorado, que conseqüentemente também foi exposto publicamente, taxado de trouxa e corno e chegou a se envolver em brigas para defendê-la. Entretanto, como sua família nunca soube da sua exposição, não chegou a sofrer consequências.

Isto não foi possível para Gaia, cuja família foi bastante atingida, principalmente a mãe, que ficou desorientada, sem saber como reagir, e teve que pedir ajuda do ex-padrasto. A entrevistada afirmou que a pior parte de ser exposta foi sentir a decepção da mãe, e acredita que está conseguindo superar o que passou, mas não sabe se a mãe superou. Sua irmã também ficou muito triste, porém o pai só soube do acontecido muito tempo depois. Ishtar afirmou que, depois das agressões, parou de publicar fotos com a família e apagou as que tinha, por medo de expô-los ao mesmo assédio que sofreu. Freya, por sua vez, teve o estabelecimento comercial da família pichado com insultos.

A rede de apoio da mulher exposta na internet, direta ou indiretamente, sofre as consequências de tal exposição. Família, amigos e parceiros se tornam vulneráveis a agressões e insultos motivados pela sua relação íntima com a mulher exposta, também sendo usados como um meio para agredir novamente a vítima. Todavia, o sofrimento causado pela exposição na família da mulher, que pode envolver o sentimento de decepção levado pela culpabilização da vítima pela violência que sofreu (por ter se deixado fotografar ou filmar, por ter enviado suas fotos, por ser uma mulher jovem e engajar um relacionamento sexual com um parceiro, por ter confiado no parceiro, entre outros motivos), intensifica o sofrimento da mulher por deixar claras as consequências sentidas por seus familiares, como observamos nas falas de Gaia.

### Saúde Mental

Os conteúdos referentes às experiências de sofrimento mental após a exposição online foram alocadas na categoria “Saúde Mental”. Gaia afirmou que havia feito terapia na infância, devido à questões relacionais com sua irmã, e também buscou a terapia após a exposição online, entretanto não se sentiu acolhida pela terapeuta nessa segunda vez e, comparando com a sua

experiência anterior, sentiu que não estava obtendo os resultados que esperava. Ishtar afirmou que buscou a terapia depois de um episódio de assédio por parte de um colega e também devido a uma experiência de agressão sexual na infância, e afirmou que a terapia tem ajudado a falar o que sente e quer e a ajuda a perceber os reflexos da sua educação na vida atual. Freya, por sua vez, apenas procurou atendimento em saúde mental depois da sua experiência de exposição online, tendo procurado a terapia aos 15 anos por sentir necessidade de compartilhar o que sentia. Ela afirmou que houve resistência dos pais quanto à sua procura por tratamento em saúde mental, e que passou por mais de 10 psicólogos e psiquiatras desde então, tendo abandonado a terapia recentemente.

Quanto à experiência de sofrimento mental pós-exposição online, Ísis afirmou não ter sentido um impacto significativo, o que poderia ser atribuído ao fato dela já estar envolvida em um tratamento psicoterapêutico. Gaia afirmou que a experiência afetou seu comportamento na adolescência, tendo ela se tornado uma pessoa fechada e esforçando-se para deixar para trás tal experiência. Segundo ela, só teve coragem de falar para suas amigas da faculdade sobre sua experiência depois de ter terminado a faculdade, quando já as conhecia há mais de seis anos, em um ambiente de coletivo feminista. Ishtar afirmou se sentir tomada por nervosismo e ansiedade após as agressões, agravados por estar em um período de pressão acadêmica.

Já Freya afirma ter tido a sua saúde mental fortemente afetada pela experiência de exposição. Tendo a sua primeira experiência acontecido quando ainda era muito jovem (12 anos de idade), acabou por desenvolver, segundo ela, depressão profunda e baixa autoestima, como também desordens da alimentação e um comportamento de automutilação. “Eu desenvolvi uma depressão profunda e uma baixa autoestima. Aos 14 comecei a me cortar e a desenvolver problemas alimentares” (Freya). Tal quadro a levou a duas tentativas de suicídio. Veio a procurar um psiquiatra para tratar os ataques de pânico que sentia, e acabou por ser diagnosticada com Síndrome Borderline.

e independente do quanto o tempo passasse, do quanto eu pudesse estar me sentindo bem, nunca me sentia ótima, nunca desaparecia essa nuvem de negatividade. Na verdade, os momentos em que me sentia bem era muito raro. Eu passei por duas tentativas de suicídio. Nunca soube dizer

se me sentia pior antes ou depois. Fui diagnosticada para várias coisas, mas o final acabou sendo borderline. (Freya)

Tais resultados trazem à discussão o impacto gerado pelo *slut shaming* na saúde mental das mulheres. De acordo com seus relatos, ter experienciado uma situação de exposição na internet gerou sofrimento psíquico, que em alguns casos parece ter evoluído para quadros de sofrimento grave. Os resultados aqui observados corroboram as afirmações de Giffin (1994), que indica como consequências da violência de gênero para saúde mental das mulheres o desenvolvimento de depressão, ansiedade, desordens da alimentação e problemas múltiplos da personalidade, entre outros.

A relação entre violência de gênero e sofrimento psíquico também é discutida por Barbosa, Dimenstein e Leite (2014), que questionam se a atenção à saúde mental leva em consideração que o sofrimento psíquico vivido pelas mulheres em nossa sociedade é advindo da violência de gênero. Para isso, eles constroem um breve histórico acerca das diferentes visões sobre o sofrimento psíquico feminino, desde as explicações religiosas, passando pela “histeria” de Charcot e pela psicanálise, teorias estas que tiveram um forte impacto na forma como se encara o sofrimento mental feminino na atualidade. De acordo com os referidos autores, ainda se busca em características individuais da mulher a causa de seu sofrimento, afirmando que a mesma “se coloca” em situações de violência por questões inconscientes, revitimizando a mulher.

Segundo Barbosa, Dimenstein e Leite (2014), somente a partir da década de 1970 começa-se a pensar que o sofrimento psíquico enfrentado pelas mulheres pudesse ser advindo das situações de abuso e violências as quais ela pudesse ter vivido, levando em consideração que, na atualidade, as mulheres usuárias dos serviços de saúde mental predominantemente portam um histórico de violência de gênero, como indica a pesquisa por eles realizada. Para os autores, a violência perpetrada contra as mulheres se configura como uma profunda negação do ser humano que ali se encontra, provocando uma radical autodesqualificação. É preciso reconhecer também que a violência contra as mulheres é um fenômeno invisível e institucionalizado por milênios de opressão. Sendo assim, ela não se reflete apenas na violência física, como tende a pensar o

imaginário popular, mas reside principalmente nas violências psicológica, institucional, patrimonial e midiática – violências invisíveis (Barbosa, Dimenstein e Leite, 2014).

### Apoio profissional

Durante as entrevistas emergiram conteúdos relativos ao atendimento por parte de profissionais envolvidos no combate à violência contra a mulher e cuidados em saúde mental para com as mesmas. Tais conteúdos foram organizados em duas subcategorias, referentes à classe de profissionais das quais se tratavam os conteúdos, sendo elas: *Profissionais Psi (Psiquiatra/Psicóloga[a])* e *Área Jurídica (Polícia)*.

#### *Profissionais Psi (Psiquiatra/Psicóloga[a])*

Três das quatro entrevistadas afirmaram que já faziam ou fizeram terapia antes da sua experiência de exposição online, sendo uma delas para depressão, relacionada a uma experiência de relacionamento abusivo. Contudo, a experiência das entrevistadas com os profissionais responsáveis por acolher e lidar com mulheres que tenham passado por exposição online foi, no geral, bastante negativa. Quanto aos profissionais responsáveis pela saúde mental (psiquiatras e psicólogos), três das entrevistadas afirmaram que foram tratadas com descaso pelos profissionais que buscaram. Ísis afirmou que os psicólogos ainda não estão preparados para lidar com um caso de *slut shaming* ou *porn revenge*, e Freya ressaltou o comportamento antiético da psicóloga que a atendeu, afirmando também que questionou seu psiquiatra acerca da ligação entre seu sofrimento mental e as vivências abusivas, entretanto este descartou tal ligação, mesmo tendo a entrevistada buscado ajuda psiquiátrica devido a tais vivências.

a primeira, por exemplo, ficou acordada só as duas primeiras sessões, e quando eu desisti do acompanhamento ela contou pra minha mãe o que eu havia dito durante as sessões.

contestei há pouco o diagnóstico e perguntei se os sintomas não poderiam ser seria reflexo de vivências abusivas, mas logo descartaram (Freya)

Gaia afirmou que a psicóloga nunca abordava a questão da exposição online, mesmo sabendo que este era o motivo da busca por terapia através de uma conversa preliminar com seus pais. Segundo ela, a responsabilidade pela iniciativa de abordar tal questão devia ser da psicóloga, devido ao fato de que ela era uma adolescente na época, e esta resistência a abordar a temática fez com que a terapia não tivesse propósito para ela, e por isso a abandonou, uma vez que não estava ajudando a trabalhar o seu sofrimento. Ishtar, entretanto, afirmou ter se sentido bem acolhida na terapia, visto que a psicóloga se preocupou com o caso e ofereceu aconselhamento, sugerindo que ela restringisse a privacidade de suas redes sociais para evitar novos assédios.

Tais resultados abrem uma discussão acerca do papel do profissional de Saúde Mental – especialmente o psicólogo, visto que este estudo se insere na área da Psicologia Social – no cuidado e atenção à mulher vítima de violência psicológica, em especial a mulher vítima de *slut shaming*. Como discutido na introdução, apesar de os Direitos Humanos serem a base fundamental da profissão do psicólogo (CFP, 2014), a falta de conhecimento acerca do assunto aliada à naturalização de certos padrões de comportamento de gênero e algumas formas de violência, fundamentados na reprodução acrítica de modelos teóricos descomprometidos com a questão social, acabam por prestar um desserviço à população que necessita dos cuidados do profissional de psicologia.

Estas mulheres que, em sofrimento, buscaram os cuidados de uma(o) psicóloga(o), acabaram por sentir, por parte do profissional que estima-se que seja capaz de oferecer compreensão e conforto, a reprodução dos padrões de revitimização e culpabilização já por elas sofridos por parte da sociedade como um todo. Estes dados nos fazem questionar se o profissional de psicologia está de fato preparado para atender tais mulheres e, se não, o que falta aos cursos de formação em psicologia para preparar profissionais para o mercado de trabalho que sejam capazes de acolher a uma vítima do que, de maneira bastante clara, é uma grave violação dos Direitos Humanos, com consequências para a sua vida social e saúde mental (Barbosa, Dimenstein & Leite, 2014).

*Área Jurídica (Polícia)*

Em relação aos profissionais da área jurídica, aqui se tratando da polícia, as entrevistadas também afirmaram terem sido tratadas com descaso, visto que, segundo elas, a polícia também não estaria preparada para lidar com o caso. Gaia, que teve material íntimo exposto na rede, afirmou que, ao procurar a Delegacia do Menor para registrar denúncia, a delegada afirmou que não podia fazer muita coisa porque o agressor seria menor de idade. “foi registrado queixa. Mas como o cara ainda era menor de idade, era o que a delegada ficava falando, ‘a gente não pode fazer muita coisa, não sei o que’.” (Gaia). Seus pais procuraram saber do andamento do processo na delegacia mais duas vezes, mas nunca obtiveram nenhum resultado. Freya, por sua vez, procurou fazer a denúncia através do Disque 180, cerca de seis meses depois do ocorrido, que além da ameaça de exposição online e ameaça à integridade física da entrevistada e de sua família, envolvia um estupro. Segundo ela, a atendente do Disque 180 tratou a denúncia com descaso e grosseria, afirmando que, tendo se passado tanto tempo, não poderia fazer mais nada. Seus pais também foram convencidos de que não adiantava denunciar o caso.

quando me senti um pouco mais forte tentei fazer a denúncia pelo 180, mas a atendente além de grosseira disse que não poderia fazer nada por mim, porque já tinham se passado mais de 6 meses. ela nem ouviu o que eu tinha a dizer. (Freya)

Os relatos das entrevistadas também conduzem a um olhar preocupante acerca do preparo dos profissionais da área jurídica, especialmente a polícia, para lidar com os casos de denúncias de exposição na internet. O entendimento do profissional responsável acerca do que seja ou não uma violência acaba por perpassar as ações dos agentes da lei, que podem, movidos pelo senso comum, não considerar as denúncias feitas pelas mulheres como dignas de serem registradas, levando as vítimas a um total desamparo, como também observaram Santi, Lakano e Letierre (2010). Tal comportamento também constitui violação dos Direitos Humanos, visto que é direito do cidadão requisitar atendimento policial e registrar queixa ao se sentir lesado ou violentado (Vade Mecum, 2017).

A falta de uma legislação específica para os casos de exposição e agressão online gera na população geral e nos profissionais da área jurídica, aqui também incluídos os advogados, a falsa

ideia de que tais inquéritos não podem ser abertos, investigados e julgados, permanecendo a agressão online em um “limbo jurídico”. Todavia, como já observado por Rocco e Dresch (2014), nos casos em que o agressor é um ex-parceiro da vítima ela está coberta pela Lei nº 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), e, ainda segundo as juristas, mesmo os casos de *slut shaming* que não se enquadram como violência doméstica se enquadram como violência de gênero, constituindo uma violação dos Direitos Humanos. Portanto, as vítimas do *slut shaming* não estão desamparadas pela Lei, e é dever da polícia receber suas denúncias.

Contudo, nos casos em que o delegado não aceitar registrar a queixa ou seguir adiante com o processo, é possível entrar com um recurso para o seu superior para que o inquérito seja aberto (Vade Mecum, 2017), usando como justificativa legal os argumentos jurídicos anteriormente aqui discutidos, garantindo, assim, a proteção dos direitos da mulher. Da mesma maneira, a denúncia ajuda a fazer conhecidos os dados acerca do uso da internet na prática de expor e agredir mulheres no Brasil.

### Rede de apoio

Assim como a necessidade do apoio de profissionais especializados para as mulheres que sofreram *slut shaming* é trazido à tona pelas participantes, também foi dada especial atenção por elas para a necessidade do apoio por parte da sua rede social (amigos e família). A categoria “rede de apoio” reuniu os conteúdos das entrevistas referentes ao apoio recebido pelas entrevistadas para enfrentar sua experiência de violência online. Duas das entrevistadas citaram os amigos como a principal fonte de apoio, e uma delas, Ísis, também citou o namorado, afirmando que a família nunca chegou a saber do acontecido. Gaia recebeu apoio familiar na forma de proteção, entretanto tal apoio consistia principalmente em agir como se nada tivesse acontecido. Ela afirmou também ter recebido apoio dos professores e colegas da escola onde estudava, porém se disse magoada por alguns amigos terem mantido relações com seu agressor, diferentemente do que aconteceu com Ísis, cujos amigos cortaram relações em sua defesa.

Freya, todavia, teve uma experiência diferente, visto que afirma não ter recebido apoio de ninguém, “eu me pergunto porque nenhum adulto tomou a iniciativa de se opor ao que estava acontecendo, de acreditar em mim.” (Freya). Sua família e escola foram omissas na oferta de

cuidado e atenção para as violências que ela estava sofrendo, e hoje a mãe se culparia por não ter prestado atenção antes, visto as consequências negativas que esta experiência teve para a sua saúde mental. Ela também afirmou que os amigos sumiram, e que ela pediu aos pais para mudar de cidade, mas não obteve atenção. Quanto à rede de apoio de Ishtar, ela apenas afirmou que procurava protegê-los de serem atingidos pelos assédios online que a atingiram, contudo não discorreu acerca do tipo de apoio que recebeu de seus amigos e familiares.

De acordo com Santi, Lakano e Letierre (2010), a rede de apoio informal (família e amigos) costuma ser a primeira a ser buscada pela mulher vítima de violência. Segundo tais autoras, é importante, para a recuperação da saúde e bem-estar da vítima, possuir uma rede de apoio forte e engajada em protegê-la e auxiliá-la a retomar sua rotina e vida social normais após a violência, oferecendo suporte emocional e orientação para a realização da denúncia ou busca de um serviço de saúde. Para tanto, no caso do *slut shaming*, é preciso que a rede de apoio da vítima busque estar ciente do tipo de violência por ela sofrido, concedendo atenção e cuidados sem julgamentos. Contudo, em muitos casos a própria família necessitará de apoio para enfrentar tal fenômeno.

### Representação do *Slut Shaming*

Na categoria “Representações do *Slut Shaming*” foram reunidos os conteúdos das entrevistas referentes à maneira como as entrevistadas enxergam o *slut shaming*. Tais conteúdos puderam ser organizados em cinco subcategorias, sendo elas *Caracterização, Agressor, Mídia, Motivos e Soluções*.

#### *Caracterização*

Quanto à maneira como as entrevistadas caracterizam o *slut shaming*, elas ressaltaram que o *slut shaming* é um crime, por prejudicar a mulher profissionalmente, academicamente ou dentro de casa. O *slut shaming* é encarado por elas como machismo, visto que só acontece com mulheres (afirmam que não acontece com homens), e seria uma forma de subjugar ou humilhar uma mulher, uma vez que a humilhação serve para objetificá-la. Elas também afirmaram que as mulheres que sofrem *slut shaming* não recebem apoio, e por conta disso ninguém supera

totalmente tal experiência. Também emergiram conteúdos sobre a produção de material íntimo, visto que algumas entrevistadas afirmaram que a mulher não tem o direito de ter fotos suas nuas no celular por medo de ser exposta. Exatamente por isso, Gaia afirmou que sempre fala que não envia material íntimo (*nudes*) para ninguém, isto porque as pessoas fingem tratar com naturalidade os *nudes*, entretanto julgam as mulheres que tiveram o seu material íntimo vazado, e por isso já ficou muito incomodada algumas vezes quando falaram do assunto.

As entrevistadas também discorreram acerca da maneira como elas enxergam o tratamento da sociedade brasileira para com o *slut shaming*. Segundo elas, a sociedade vê a vítima de *exposição na internet* como uma mulher que não se dá ao respeito e que nunca vai ter um relacionamento afetivo sério depois disso. A culpa sempre é da vítima, visto que ela que aceitou gravar o vídeo ou se relacionar com outra pessoa. Ainda segundo as entrevistadas, a sociedade vai culpar a mulher, uma vez que o homem tem sempre a justificativa de ter feito o que fez “por ser homem”. Nas palavras de Ishtar, “porque sempre vão arrumar uma desculpa pra culpar a mulher. porque sabem que não vai dar em nada. porque eles podem dizer ‘eu sou homem’. ‘e é isso que os homens fazem’.”.

### *Agressor*

De acordo com as entrevistadas, os agressores nos casos de *slut shaming* são, geralmente, parceiros ou ex-parceiros das vítimas, visão esta que é confirmada pelos dados da WHOA (2016). Já nos casos de agressores anônimos, a dificuldade de denúncia devido ao anonimato seria a característica mais relevante.

no meu caso, eu acho que aconteceu num chan. como é um fórum anônimo, fica muito difícil de denunciar ou de fazer alguma coisa sobre. daí eles saem impunes. todos os usernames que me adicionaram eram fakes. não fica um rastro deles na internet. como punir? não tem como... (Ishtar).

As entrevistadas afirmaram que a sociedade trata a exposição e humilhação de mulheres como se fosse uma fatalidade, e não uma agressão, o que reforça a impunidade dos agressores, e

uma das entrevistadas afirma que “acredito que quem faz isso uma vez, tem uma porcentagem muito alta de voltar a fazer de novo.” (Freya).

### *Mídia*

A maneira como a mídia aborda a questão da exposição de humilhação de mulheres na internet foi bastante citada pelas entrevistadas. Segundo elas, a mídia é agressiva nos casos de *slut shaming* e se aproveita da dor alheia para vender.

eles pega a dor das pessoas e transforma num circo[...] quando acontece uma coisa dessa, se cai na mídia, eu acho que os advogados e a polícia fica desesperado tentando entender como é que vai fazer agora pra lidar com isso, porque a pessoa já teve a vida completamente exposta. (Ísis)

Elas afirmam que a mídia, na maioria das vezes, simplesmente não trata do assunto. A sociedade só discute o *slut shaming* se um caso de uma menina exposta chegar à mídia, como também só noticia alguma coisa no caso de uma famosa ter suas fotos vazadas ou envolver suicídio da vítima. Elas também afirmam que só aparece na mídia os casos das mulheres que tiraram as fotos e foram vazadas, visto que tais casos são mais fáceis de lidar, uma vez que se pode culpabilizar a vítima.

Os artigos de jornal citados na introdução (G1 RO, 2015; G1 AM, 2014; G1 RN, 2014; Rohr, 2014) ilustram a representação trazida pelas entrevistadas, nos permitindo observar a maneira sensacionalista com a qual a mídia costuma tratar os casos de *slut shaming*. Como observado pelas entrevistadas, a mídia pode agravar a violência sofrida pela mulher exposta, divulgando fotos, informações pessoais ou o próprio material íntimo vazado, permitindo que sua exposição seja divulgada para um número maior de pessoas e, desta maneira, oferecendo para agressores online todas as informações necessárias para que enviem para as vítimas insultos e mensagens sexualmente agressivas.

A posição assumida pelos artigos, possuindo um alto teor culpabilizante para a mulher e desacreditando suas denúncias, acaba por moldar a opinião pública, produzindo interesse do público na humilhação destas mulheres e total desconhecimento acerca do seu sofrimento e da

degradação gerada pela exposição, como ilustra o artigo de Resende (2013). O interesse da mídia concentra-se nas grandes tragédias, como pode ser observado em G1 PI (2013), sem se aprofundar nos questionamentos acerca das motivações do agressor e sua culpa em violentar psicologicamente e, conseqüentemente, promover sofrimento em uma mulher, ficando o agressor em último plano, dando evidência ao material íntimo divulgado.

### *Motivos*

Os motivos atribuídos pelas entrevistadas para a causa do *slut shaming* são diversos, entretanto possuem todos uma fundação comum: a misoginia. Segundo as entrevistadas, o *slut shaming* acontece devido à naturalização da humilhação feminina, uma vez que a imagem da mulher é muito sexualizada e frágil, isto porque qualquer coisa vira motivo para exposição, ridicularização e hipersexualização da mulher. O machismo, afirmam as entrevistadas, reforça a exposição de mulheres, que continua acontecendo porque a misoginia está enraizada na sociedade.

As entrevistadas também trouxeram motivos para que o *slut shaming* aconteça relacionados à maneira como a sociedade encara a violência contra a mulher. Elas afirmam que existe uma dificuldade para a polícia em lidar com crimes virtuais, como também a sociedade faz pouco caso das denúncias das mulheres que sofrem violência. Isto aconteceria porque as mulheres são educadas para sentirem vergonha em situações de assédio e se calarem, visto que foi naturalizado que mulheres deve ser comportadas, sempre “santas”, e caso não sigam o que é exigido, são ameaçadas. Segundo as entrevistadas, as pessoas não estão preparadas para o vazamento de material íntimo, visto que nem todo mundo entende que a culpa não é da mulher. Nas palavras de Freya, “nessa sociedade já nos acostumamos tanto em sermos o juiz e o executor em um só clique, que nos esquecemos de como pensar e como sentir”.

Quanto aos motivos para os homens praticarem *slut shaming*, as entrevistadas afirmaram que isto acontece porque homens costumam exibir suas conquistas, como também fazem *slut shaming* por vingança, uma vez que quando as mulheres se recusam a fazer o que eles querem, eles se vingam delas atacando o que têm de mais frágil: a própria imagem diante da sociedade. Tais afirmações corroboram as feitas por Nabil (2012), que constata que a pornografia de

vingança é realizada não apenas por vingança, como também para exibir as conquistas sexuais, de forma a reafirmar a masculinidade. Elas também afirmaram que ser solteira dá liberdade aos homens para desrespeitar uma mulher, e que a mulher, na nossa sociedade, não é respeitada de forma alguma, como também não tem o direito de tirar uma foto sua se quiser. “Parece que mulher... mulher ou tem dono e tem que viver passivamente em relação a esse dono, ou ela não é de ninguém e, portanto, sua imagem e sua identidade pode ser largamente exposta, né.” (Ísis). O ambiente da internet também foi visto como um ambiente hostil para mulheres por uma das entrevistadas, Ishtar, que classificou os fóruns anônimos online (*Chans*) como puro ódio - ambientes racistas, homofóbicos e misóginos.

### *Soluções*

Mesmo sem terem sido questionadas sobre, em todas as entrevistas emergiram conteúdos acerca das soluções para lidar com o *slut shaming*. Todas as entrevistadas afirmaram que a conscientização da sociedade acerca da temática é um meio relevante para lidar com os casos de exposição de mulheres online. Segundo elas, a conscientização é importante para se conhecer melhor o que é o *slut shaming* em todas as suas dimensões, logo, quanto mais pessoas compartilharem suas experiências, melhor. “Eu acho que falar sobre um problema é a melhor forma de você destrinchar ele e encontrar a melhor forma de lidar.” (Ísis). Deve haver discussão acerca da temática dentro de escolas, universidades, delegacias e hospitais. Elas demonstraram preocupação com a necessidade de educar as crianças para o mundo digital, afirmando que os pais e a escola devem educar crianças para o comportamento na internet, educando para a não-disseminação de material íntimo e violação de privacidade de outrem, o que se relacionaria com a necessidade do ensino de educação sexual nas escolas. De acordo com as entrevistadas, deve-se envolver a família na conscientização acerca da temática.

Segundo as entrevistadas, a solução para o *slut shaming* também passa pelo apoio profissional e de pessoas próximas. Elas afirmam que as políticas de saúde e segurança poderiam atuar prevenindo essa situação, visto que a polícia precisa saber como lidar legalmente, os advogados precisam estudar a temática e deveria ser oferecido à vítima acompanhamento psicológico assim que fizesse a denúncia. Elas acreditam que os profissionais envolvidos devem

ser flexíveis e dar prioridade ao caso, e que a produção científica acerca da temática é essencial para oferecer suporte aos profissionais.

As entrevistadas afirmaram que o apoio por parte da sociedade para as vítimas, principalmente daqueles que lhes são próximos, é essencial para lidar com a situação. Segundo elas, quem passa por isso precisa do apoio das pessoas próximas e instituições (polícia, RH da empresa, profissionais de saúde mental), pois assim a vítima pode superar melhor, e que a sociedade não pode julgá-las. Elas também ressaltaram a empatia dentro de movimentos feministas para com as vítimas. Tais resultados corroboram a pesquisa de Santi, Lakano e Letierre (2010) acerca da rede de apoio buscada pelas mulheres vítimas de violência de gênero.

Quanto às ações legais para lidar com o *slut shaming*, as entrevistadas afirmaram que é necessário punir o agressor prontamente, que também deveria receber uma ordem de restrição da vítima. Seria necessário também punir quem vaza e compartilha os conteúdos íntimos, como uma maneira de destruir a rede de exposição das mulheres na internet. Segundo elas, é preciso minimizar a exposição da vítima, retirando o vídeo ou imagens de circulação, e uma das entrevistadas acredita que protegendo suas redes sociais é possível se prevenir de alguns tipos de ataque. Elas afirmam que, para lutar contra a exposição de mulheres na internet, elas precisam tomar atitudes críticas, exigindo medidas de proteção e igualdade e alertando as outras mulheres para terem cuidado.

Faz-se necessário aqui dar destaque para as soluções propostas pelas entrevistadas para lidar com o *slut shaming*, especialmente por elas partirem da experiência pessoal de cada uma com esta forma de violência. O sentimento de injustiça e impunidade para o agressor que envolve a experiência pessoal todas as entrevistadas foi capaz de ser transformado em potencial de mudança não apenas para si, mas para outras meninas e mulheres que pudessem vivenciar as mesmas violências por elas vivenciadas. Elas destacam em suas falas a importância do estabelecimento de um diálogo acerca da exposição de mulheres online, diálogo este que possa envolver a família, escola e instituições responsáveis por acolher e cuidar das mulheres expostas como a principal forma de combate ao *slut shaming*.

Com base em tais resultados, reconhecemos aqui a necessidade da ampliação do diálogo acerca do *slut shaming* – para que ele não esteja apenas nas mãos de uma mídia agressiva e

culpabilizante nem se restrinja aos círculos acadêmicos. É possível combater o *slut shaming* através da conscientização da população e educação dos jovens para o respeito aos Direitos Humanos na internet, fazendo com que os danos advindos desta forma de violência psicológica sejam conhecidos pela população e a reprodução da misoginia online seja discutida e combatida. Isto se faz necessário visto que o universo online, já relevante na vida diária dos seres humanos, possui uma tendência a se tornar cada vez mais imprescindível. Desta maneira, é preciso, especialmente para os pesquisadores da Psicologia Social, compreender o comportamento humano dentro do universo online, e estar preparados para lidar com a reprodução de padrões de ataques aos Direitos Humanos, já existentes no comportamento social por um histórico de dominância social, no universo online.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações de exposição e humilhação de mulheres por suas práticas sexuais, intitulada *slut shaming*, têm sido recorrentes na internet e vêm ganhando a mídia brasileira nos últimos anos. É sabido que tais práticas constituem violência de gênero e objetivam manter um sistema de opressão e repressão sexual da mulher, punindo aquelas que não se enquadram no ideal de mulher imposto socialmente. O *slut shaming* é uma forma particular de violência psicológica contra a mulher, que causa danos à sua vida social, profissional/escolar, íntima e, principalmente, à sua saúde.

Este tema de pesquisa parte da preocupação com os cuidados, ou a ausência deles, oferecidos à saúde das mulheres que tenham passado por esta vivência traumática. Pelas notícias dos jornais somos informados dos processos judiciais e seus resultados, mas nunca do estado da vítima, se ela está recebendo a assistência necessária ou não. Um grande problema enfrentado por nós durante o desenvolvimento deste estudo foi o reduzido número de produções científicas acerca da temática que pudessem embasar a pesquisa e as análises, impelindo o estudo a ser conduzido de maneira exploratória, tomando como base principalmente os retalhos históricos que envolvem a humilhação pública de mulheres e a relação entre violência de gênero e saúde mental.

Deste modo, o estudo aqui desenvolvido objetivou analisar as vivências de mulheres jovens que foram expostas na internet por suas práticas sexuais e as repercussões dessa vivência para a saúde, tendo como objetivos específicos: Identificar as repercussões da vivência das participantes para a vida nos âmbitos social, profissional/escolar; e especialmente para a sua saúde mental; Caracterizar as estratégias de enfrentamento utilizadas por tais mulheres diante da situação de exposição/humilhação na internet por suas práticas sexuais, e; Verificar como estas vivências repercutiram para a saúde mental e vida social dessas mulheres.

Os resultados observados nesta pesquisa nos fazem refletir principalmente acerca dos três seguintes pontos: o primeiro deles é o impacto gerado pelo *slut shaming* nas vidas das mulheres, especialmente no campo social e na saúde mental. A experiência da exposição online produz uma série de mudanças na vida social da mulher, envolvendo a reação de seus amigos, família e colegas de trabalho ou estudo, podendo também gerar uma série de agressões e assédios por parte

de terceiros. O sentimento de perda do respeito advindo de tais assédios pode acabar por levar a formação de um autoconceito negativo, que aliado aos sentimentos de impunidade por parte do agressor, vulnerabilidade e perda da privacidade acabam por prejudicar a saúde mental das mulheres expostas. Os dados observados com as entrevistas confirmam a nossa premissa de que uma experiência de violência psicológica tal como o *slut shaming* possui repercussões na saúde mental da mulher, especialmente nas que vivenciam tal experiência ainda muito jovens, podendo leva-las a quadros de sofrimento psíquico grave.

O segundo ponto diz respeito à questão jurídica que envolve o *slut shaming*. Os dados coletados com as entrevistas nos mostram que, por mais que as mulheres que sofram *slut shaming* estejam cobertas pela Lei brasileira, os pressupostos jurídicos que protegem as mulheres de sofrer qualquer tipo de violência psicológica são desconhecidos ou conscientemente ignorados pelos agentes da Lei. Por isso, observamos que existe uma necessidade de desenvolvimento de uma legislação que proteja especificamente as vítimas de *slut shaming*, visto que, como pudemos observar através dos dados recolhidos com o questionário online, este pode ser praticado de diversas maneiras além da pornografia de vingança, que possuem igual repercussão na saúde mental das mulheres. Todavia, enquanto ainda não exista uma legislação específica para os casos de *slut shaming*, faz-se necessária a divulgação dos recursos e procedimentos que as vítimas e seus defensores podem utilizar para garantir a efetivação de seus direitos.

O terceiro e último ponto diz respeito à atuação do profissional de Psicologia nos casos de *slut shaming*. Ao trabalhar com questões de opressão tão arraigadas socialmente como a opressão de gênero é preciso construir uma forma de cuidado que não reforce o sistema, mas sim que cuide partindo de uma reflexão crítica acerca das normas sociais, de forma a de fato combater a opressão de gênero e a violência contra a mulher. Devemos, então, pensar se os psicólogos estão de fato preparados para acolher mulheres vítimas de uma violência psicológica tão impactante nas suas vidas, mas ao mesmo tempo dotada de invisibilidade devido a um processo histórico de naturalização da exposição e humilhação de mulheres por suas práticas sexuais.

A dificuldade de acesso a participantes para o estudo - devido possivelmente à fuga da convivência social online por parte das mulheres expostas na internet, como observado nos resultados – mostrou-se como uma limitação para a realização do mesmo. A escassez de

produções científicas acerca da temática tanto no âmbito nacional como no internacional, como já mencionado, que pudessem corroborar os dados aqui encontrados, acabaram por restringir a possibilidade de análise dos resultados do estudo, que, desta maneira, tomou uma configuração mais descritiva e exploratória. Todavia, os resultados aqui observados serão publicados e, deste modo, servirão de base para a realização de novos estudos, buscando ampliar a coleta de dados acerca da experiência de mulheres com o *slut shaming*, como também conhecer as representações acerca da temática por parte de profissionais responsáveis por acolher e cuidar destas mulheres, permitindo assim análises de outros aspectos em relação à temática nos estudos futuros.

Desta maneira, estimamos que os resultados deste estudo possam servir de base para mais produções científicas acerca da temática, e que tais produções possam servir de base tanto para os profissionais responsáveis por lidar com casos de *slut shaming*, especialmente os profissionais de psicologia, como também possam contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas a respeito da exposição de mulheres online.

## REFERÊNCIAS

- Aggrawal, A. (2008). *Forensic and medico-legal aspects of sexual crimes and unusual sexual practices*. Boca Raton, FL: CRC Press.
- Albuquerque, S. (2015, 27 de maio). Meninas abandonam estudos e tentam suicídio após entrar para lista das "mais vadias". R7. Recuperado de <http://noticias.r7.com/sao-paulo/meninas-abandonam-estudos-e-tentam-suicidio-apos-entrar-para-lista-das-mais-vadias-27052015>.
- Armstrong, E. A., Hamilton, L. T., Armstrong, E. M., & Seeley, J. L. (2014). "Good Girls" Gender, Social Class, and Slut Discourse on Campus. *Social Psychology Quarterly*, 77(2), 100-122.
- Barbosa, L. B., Dimenstein, M., & Leite, J. F. (2014). Gênero, violência e a produção de sofrimento mental. In Dimenstein, M & Leite, J. F. (Org.). *Psicologia em pesquisa: cenários de práticas e criações* (pp. 461-494). Natal: EDUFRN.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Citron, D. K. (2009). Law's expressive value in combating cyber gender harassment. *Michigan law review*, 373-415.
- CFP. (2014). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília: Autor. Recuperado de <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>
- Decreto nº 1.973, de 1º de agosto de 1996 (1996). Promulga a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, concluída em Belém do Pará, em 9 de junho de 1994. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1996/D1973.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1996/D1973.htm)

Decreto nº 4.377, de 13 de setembro de 2002 (2002). Promulga a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, de 1979, e revoga o Decreto nº 89.460, de 20 de março de 1984. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2002/D4377.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4377.htm)

Del Priori, M. (2009). *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo, SP: Editora UNESP.

Giffin, K. (1994). Violência de gênero, sexualidade e saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 10(supl 1), 146-155.

Humanos, D. U. D. D. (2013). Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. *Disponível na Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo*. Recuperado de [www.direitoshumanos.usp.br](http://www.direitoshumanos.usp.br).

Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (2006). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução .... *Diário Oficial da União*. Brasília, DF.

Lei nº 12.737, de 30 de novembro de 2012. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2012/Lei/L12737.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12737.htm).

- Leclerc, F., & Weindling, M. (1995). La répression des femmes coupables d'avoir collaboré pendant l'Occupation. *Clio. Femmes, Genre, Histoire*, (1), 129-150.
- Marinheiro, A. L. V., Vieira, E. M., & Souza, L. D. (2006). Prevalência da violência contra a mulher usuária de serviço de saúde. *Rev Saúde Pública*, 40(4), 604-10.
- Nabil, Md. (2012). From sex tapes to revenge porn - Construction of a genre: Gender, sexuality and power in new media (Dissertação de Mestrado, Stockholms Universitet). Recuperado de <http://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A745041&dswid=629>.
- ONU. (1995). Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher. *Organização das Nações Unidas, Pequim*.
- Prevenir, C. I. P. (2001). Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher - Convenção de Belém do Pará, 1994. Instrumentos Internacionais de Proteção aos Direitos Humanos. Rio de Janeiro: CEPIA.
- Ramsland, K., & McGrain, P. N. (2009). *Inside the minds of sexual predators*. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO.
- Resende, P. (2013, 23 de outubro). 'Não me arrependo porque fiz por amor', diz garota sobre vídeo de sexo. *GI GO*. Recuperado de <http://g1.globo.com/goias/noticia/2013/10/nao-me-arrependo-porque-fiz-por-amor-diz-garota-sobre-video-de-sexo.html>.
- Rocco, B.L.G., & Dresch, M.L. (2014). Violação dos direitos à intimidade e à privacidade como formas de violência de gênero. *Percurso*, 14(1), 27-49.

Rohr, A. (2014, 09 de setembro). Fotos de atrizes nuas podem ter sido vazadas por e-mail ou pela 'nuvem'. *GI*. Recuperado de <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/09/fotos-de-atrizes-nuas-podem-ter-sido-vazadas-por-e-mail-ou-pela-nuvem.html>.

Santi, L. N. D., Nakano, A. M. S., & Lettiere, A. (2010). Percepção de mulheres em situação de violência sobre o suporte e apoio recebido em seu contexto social. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 19(3), 417-424.

Silva, L. L., Coelho, E. B. S. & Caponi, S. N. C. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface-Comunic, Saúde, Educ*, 11(21), 93-103.

Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. (Trad. Guacira Lopes). *Revista Educação e Realidade*, 20(2), 71-99.

Vade Mecum (2017). *Código Penal Brasileiro*. São Paulo: Saraiva.

WHOA. (2016). Online Harassment/Cyberstalking Statistics. *WHOA*. Recuperado de <http://www.haltabuse.org/resources/stats/index.shtml>.

Justiça condena homem que divulgou fotos de namorada nua, em RO (2015, 13 de junho). *GI RO*, Porto Velho. Recuperado de <http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2015/06/justica-condena-homem-que-divulgou-fotos-de-namorada-nua-em-ro.html>.

Homem é preso no AM por ameaçar postar fotos de jovem nua na internet (2014, 04 de novembro). *GI AM*. Recuperado de <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2014/11/homem-e-preso-no-am-por-ameacar-postar-fotos-de-jovem-nua-na-internet.html>.

Foto de mulher nua faz universitária do RN registrar queixa por difamação (2014, 24 de setembro). *GI RN*. Recuperado de <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2014/09/foto-de-mulher-nua-faz-universitaria-do-rn-registrar-queixa-por-difamacao.html>.

Mãe de jovem achada morta após vídeo íntimo reclama de ‘violação’ (2013, 17 de novembro). *GI PI*. Recuperado de <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/11/mae-de-jovem-achada-morta-apos-video-intimo-reclama-de-violacao.html>.

---

## Apêndices

---

## Apêndice I – Questionário online

### **Experiência de mulheres jovens com a exposição e humilhação na internet por suas práticas sexuais**

As ações de exposição e humilhação de mulheres por suas práticas sexuais têm sido recorrentes na internet e vêm ganhando a mídia brasileira nos últimos anos. É sabido que tais práticas constituem violência de gênero e objetivam manter um sistema de opressão e repressão sexual da mulher. O *slut shaming* (exposição e humilhação na internet por suas práticas sexuais) é uma forma particular de violência psicológica contra a mulher, que causa danos à sua vida social, profissional/escolar, íntima e, principalmente, à sua saúde.

Este tema de pesquisa parte da preocupação com os cuidados, ou a ausência deles, oferecidos à saúde das mulheres que tenham passado por esta vivência traumática. Esta pesquisa objetiva analisar as vivências de mulheres jovens que sofreram exposição e humilhação na internet por suas práticas sexuais e as repercussões dessa vivência para a saúde.

Ao trabalhar com questões de opressão tão arraigadas socialmente com a opressão de gênero é preciso construir uma forma de cuidado que não reforce o sistema, mas sim que cuide partindo de uma reflexão crítica acerca das normas sociais, de forma a de fato combater a opressão de gênero e a violência contra a mulher. Para isto, necessitamos conhecer melhor as suas experiências acerca do *slut shaming*, identificando os impactos gerados pela violência na sua vida. Estima-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para um melhor atendimento às vítimas de violência psicológica em Políticas Públicas da Saúde e de Assistência Social, especialmente nos casos de violências realizadas através da internet.

REFORÇAMOS QUE NENHUMA INFORMAÇÃO PESSOAL SUA SERÁ DIVULGADA, E TOMAMOS TODAS AS PRECAUÇÕES NECESSÁRIAS PARA PRESERVAR SUA IDENTIDADE.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba (Parecer nº 1.425.181 / CAAE 51438815.5.0000.5188) e segue as diretrizes da Resolução 466/12 CNS/MS.

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezada Senhora,

Esta pesquisa é sobre a experiência de mulheres jovens com a exposição e humilhação na internet por suas práticas sexuais e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Letícia de Mélo Sousa, Mestranda pro Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli. Esta pesquisa objetiva analisar as vivências de mulheres jovens que sofreram exposição e humilhação na internet por suas práticas sexuais e as repercussões dessa vivência para a saúde. A finalidade deste trabalho é fazer conhecer a necessidade de cuidado em saúde para as vítimas do slut shaming, e que seu cuidado seja inserido, com as suas especificidades, dentro das Políticas Públicas. Solicitamos a sua colaboração para questionário/entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica (se for o caso). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, é preciso apenas que informe à pesquisadora que não deseja mais participar da pesquisa e não sofrerá nenhum dano. Caso ocorra algum desconforto ou problema emocional ou psíquico durante a entrevista, a pesquisadora interromperá imediatamente a intervenção e, sendo psicóloga (CRP/13-6856), está preparada para oferecer atendimento psicológico emergencial. Caso seja de seu interesse, a entrevista poderá ser retomada posteriormente.

Diversas precauções serão tomadas para a proteção dos arquivos desta pesquisa de invasões (vírus). No entanto se, mesmo mediante todas estas precauções, acontecer alguma invasão, sua identidade estará completamente protegida, devido ao fato de não serem utilizadas informações pessoais suas durante a pesquisa. As pesquisadoras estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento. Contato do Pesquisador (a) Responsável: Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Letícia de Mélo Sousa, Telefone: (83) 98817-4402, E-mail: leticiamelosousa@gmail.com / Orientadora: Profa. Dra. Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli, Telefone: (83) 988428724, E-mail: analayde@gmail.com Ou Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB ( (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com Atenciosamente, Letícia de Mélo Sousa (Pesquisadora responsável)

- Eu tenho 18 anos ou mais e aceito participar desta pesquisa.
- Não, eu não aceito participar desta pesquisa.

### **QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO**

Primeiramente, gostaríamos de conhecer algumas informações pessoais suas para podermos dar prosseguimento à pesquisa. AS INFORMAÇÕES AQUI FORNECIDAS SÃO DE TOTAL SIGILO e nos auxiliam a contextualizar os dados da pesquisa.

Telefone \_\_\_\_\_

Suas informações pessoais não serão divulgadas. Pedimos informações de contato para que possamos contatá-la acerca de uma segunda fase da pesquisa ou para divulgação dos resultados.

E-mail \_\_\_\_\_

Suas informações pessoais não serão divulgadas. Pedimos informações de contato para que possamos contatá-la acerca de uma segunda fase da pesquisa ou para divulgação dos resultados.

Idade \_\_\_\_\_

Suas informações pessoais não serão divulgadas.

Escolaridade:

Suas informações pessoais não serão divulgadas.

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós-graduação (Nível: Especialização)
- Pós-graduação (Nível: Mestrado)
- Pós-graduação (Nível: Doutorado)

Renda mensal familiar \_\_\_\_\_

Indique o valor aproximado em reais da sua renda mensal familiar.

Cor:

- Negra
- Parda
- Branca
- Indígena
- Amarela
- Outra: \_\_\_\_\_

Religião:

- Não tenho religião
- Católica
- Evangélica
- Espírita
- Judaica
- Umbandista

- Candomblé
- Muçulmana
- Outra:

**EM RELAÇÃO SUA À EXPERIÊNCIA DE *SLUT SHAMING* / *PORN REVENGE*  
(humilhação e exposição na internet por suas práticas sexuais):**

Gostaríamos de saber um pouco mais acerca da sua experiência de humilhação e exposição na internet. Estas informações são de grande importância para nós, e sua identidade será totalmente preservada.

Há quanto tempo ocorreu a sua experiência de *slut shaming* / *porn revenge*? \_\_\_\_\_

Por favor, indique o tempo em meses ou anos.

Qual a sua idade na época do evento? \_\_\_\_\_

Por favor, indique a sua idade em anos.

Quem foi(ram) o(s) responsável(is)?

- Parceiro (companheiro / marido / noivo / namorado)
- Ex-parceiro (companheiro / marido / noivo / namorado)
- Amigo (homem)
- Amiga (mulher)
- Familiar
- Desconhecido
- Outro:

Por favor, descreva brevemente o acontecido.

Evite escrever informações pessoais acerca dos envolvidos no caso.

---

Você gostaria de falar mais sobre a sua experiência em uma entrevista sigilosa, onde sua identidade será completamente preservada?

- Sim, eu gostaria de participar da entrevista.
- Não, não gostaria de participar da entrevista.
- Gostaria de saber mais sobre esta entrevista antes de me decidir.

---

**Anexos**

---

## Anexo I – Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
PARAÍBA - CENTRO DE  
CIÊNCIAS DA SAÚDE



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** VULNERABILIDADE DE MULHERES JOVENS AO SLUT SHAMING E PORN REVENGE E IMPACTOS PARA A SAÚDE

**Pesquisador:** Leticia de Mélo Sousa

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 51438815.5.0000.5188

**Instituição Proponente:** Programa de Pós-graduação em Psicologia Social

**Patrocinador Principal:** Programa de Pós-graduação em Psicologia Social

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.425.181

#### Apresentação do Projeto:

A pesquisa trata da vulnerabilidade de mulheres jovens à exposição sexual nos ambientes virtuais e os impactos dessa situação à saúde.

Objetiva-se com esta pesquisa desenvolver um estudo acerca da experiência de mulheres jovens quanto à exposição e humilhação na internet por suas práticas sexuais, identificando as representações sociais das mulheres acerca da violência por elas sofrida, reconhecendo os impactos de tal violência para a vida da mulher nos âmbitos social, profissional/escolar e especialmente para a sua saúde mental e reconhecendo as estratégias de enfrentamento utilizadas por tais mulheres diante da situação de exposição/humilhação na internet por suas práticas sexuais. Como metodologia, esta pesquisa é exploratória de cunho qualitativo, referendada na Teoria das Representações Sociais, cujas participantes devem ser mulheres jovens que já tenham atingido a maioridade e tenham experienciado alguma forma de exposição e humilhação na internet por suas práticas sexuais. Será divulgado através da internet um questionário, como uma forma de entrar em contato com as participantes para a realização da entrevista, que será realizada via Skype e será gravada para posterior transcrição. Os dados serão analisados através do método da análise de conteúdo tematicocategorial.

**Endereço:** UNIVERSITARIO S/N

**Bairro:** CASTELO BRANCO

**CEP:** 58.051-900

**UF:** PB

**Município:** JOAO PESSOA

**Telefone:** (83)3216-7791

**Fax:** (83)3216-7791

**E-mail:** eticaccs@ccs.ufpb.br

Continuação do Parecer: 1.425.181

**Objetivo da Pesquisa:**

Desenvolver um estudo acerca da experiência de mulheres jovens quanto à exposição e humilhação na internet por suas práticas sexuais.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os sujeitos da pesquisa não estarão sujeitos a nenhum tipo de risco físico em função da participação na pesquisa. No entanto, tratando-se a pesquisa de uma temática delicada e possivelmente traumática para as entrevistadas, a entrevista pode trazer à tona os sentimentos envolvidos em tal experiência.

No entanto, no projeto não consta o que será providenciado caso ocorra algum desconforto ou problema emocional ou psíquico durante as intervenções.

Os benefícios estão coerentes com a proposta deste projeto

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto está bem estruturado com fundamentação científica, objetivos claros e metodologia adequada aos objetivos pretendidos

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresenta todos os termos obrigatórios.

**Recomendações:**

Sem mais recomendações

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Todas as pendências foram resolvidas

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_632404.pdf	05/01/2016 12:33:26		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCEPLeticiamelosousa.docx	05/01/2016 12:32:39	Letícia de Mélo Sousa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ANEXO1TCLE.docx	05/01/2016 12:30:43	Letícia de Mélo Sousa	Aceito

**Endereço:** UNIVERSITARIO S/N

**Bairro:** CASTELO BRANCO

**CEP:** 58.051-900

**UF:** PB

**Município:** JOAO PESSOA

**Telefone:** (83)3216-7791

**Fax:** (83)3216-7791

**E-mail:** eticaccs@ccs.ufpb.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
PARAÍBA - CENTRO DE  
CIÊNCIAS DA SAÚDE



Continuação do Parecer: 1.425.181

Folha de Rosto	FRleticia.pdf	26/11/2015 14:46:23	Letícia de Mélo Sousa	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao.pdf	24/11/2015 20:11:14	Letícia de Mélo Sousa	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JOAO PESSOA, 25 de Fevereiro de 2016

---

**Assinado por:**  
**Eliane Marques Duarte de Sousa**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** UNIVERSITARIO S/N  
**Bairro:** CASTELO BRANCO **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** eticaccs@ccs.ufpb.br